

VIOLAÇÕES À  
**LIBERDADE DE  
EXPRESSÃO**

---

RELATÓRIO ANUAL 2016



© 2016 ABERT

**Realização**

Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão – ABERT

**Pesquisa**

Fernando Dias  
Mílina Tomazini  
Tainá Farfan

**Análise**

Cristiano Lobato Flores  
Teresa Azevedo

**Redação e Edição**

Teresa Azevedo

**Projeto Gráfico e Editoração**

Frisson Comunicação

Qualquer parte desta revista pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Disponível também em: <<http://www.abert.org.br>>

VIOLAÇÕES À  
**LIBERDADE DE  
EXPRESSÃO**

---

RELATÓRIO ANUAL 2016





“ Cada jornalista morto ou neutralizado pelo terror é um observador a menos da condição humana. Cada ataque distorce a realidade por criar um clima de medo e de autocensura. ”

**Barry James**

“Press Freedom: Safety of Journalists and Impunity”, Unesco, 2007

# SUMÁRIO



PALAVRA DO PRESIDENTE	<b>08</b>
PANORAMA DA VIOLÊNCIA CONTRA A IMPRENSA	<b>10</b>
VIOLÊNCIA E LIBERDADE DE IMPRENSA NO MUNDO	<b>18</b>
OS CRIMES CONTRA JORNALISTAS NO BRASIL	<b>26</b>
COMPARAÇÃO COM ANOS ANTERIORES	<b>50</b>
AS OLIMPÍADAS DE 2016	<b>52</b>
A TRAGÉDIA DA CHAPECOENSE	<b>54</b>
ARTIGO RSF	<b>56</b>
ARTIGO UNESCO	<b>57</b>
CASOS DE VIOLÊNCIA - 2016	<b>58</b>



# PALAVRA DO PRESIDENTE



**Paulo Tonet Camargo**  
PRESIDENTE DA ABERT





Uma tragédia no final de 2016 enlutou o jornalismo brasileiro. Vinte profissionais de TV, rádio e jornal partiram para uma cobertura jornalística sem retorno. Nos destroços do voo da LaMia ficou enterrado o sonho de jovens jogadores da Chapecoense e de jornalistas que esperavam trazer belas histórias de um time em busca de um título inédito e de seus principais personagens.

Mas 2016 teve um outro lado sombrio. Apesar da redução no número de assassinatos de jornalistas – de oito em 2015 para dois em 2016, as entidades internacionais que atuam na defesa da liberdade de imprensa colocam o Brasil na lista dos países mais violentos para o exercício do jornalismo.

De acordo com levantamento feito pela organização Repórteres Sem Fronteiras (RSF), o Brasil ocupa o 2º lugar no ranking dos países mais perigosos da América Latina para a profissão, ficando atrás, apenas, do México. No ranking mundial, entre os 180 países avaliados, em 2016, o Brasil despencou cinco posições, passando da 99ª para 104ª posição.

Em um ano marcado por uma crise política e econômica sem precedentes, as manifestações populares se tornaram mais intensas, dominaram as ruas de todo o país e fizeram dos profissionais da imprensa e dos veículos de comunicação um dos alvos favoritos de seus protestos.

A intolerância e a falta de conhecimento do real papel da imprensa – o de informar a sociedade sobre fatos que impactam o seu cotidiano – foram, mais que nunca, responsáveis pelo aumento das agressões físicas e hostilidades contra os jornalistas que estavam em campo atrás de notícias de interesse público. Em grande parte das vezes, os agressores foram os manifestantes, mas o que mais chama atenção é o fato de agentes públicos, que deveriam zelar pela segurança do cidadão, serem os principais autores de tanta violência. Mesmo portando a identificação de

imprensa, os profissionais da comunicação estiveram sujeitos a ameaças, intimidações e agressões por parte de policiais militares.

O Relatório ABERT sobre Violações à Liberdade de Expressão – 2016 mostra que, mais uma vez, os dados são preocupantes. Quando comparado com 2015, o número total de casos de violência em 2016 foi ainda maior: passou de 116 para 174, envolvendo 261 profissionais e veículos da imprensa.

2016 foi também o ano das Olimpíadas e Paralimpíadas do Rio e os casos de roubo, furtos e agressões contra profissionais estrangeiros que estavam no Brasil para a cobertura dos jogos são tratados em um capítulo à parte.

Outra característica que marcou 2016 foi o número de ações na Justiça contra profissionais e veículos de comunicação, numa explícita violação à liberdade de imprensa e de expressão. As varas judiciais de diversos municípios brasileiros receberam uma enxurrada de processos contra jornalistas, promovidos por cidadãos contrariados com a divulgação da verdade.

Recorrer à justiça é um direito de todos. Mas a ação coordenada por magistrados que ingressaram contra jornalistas da Gazeta do Povo, por exemplo, com mais de 40 processos espalhados em 19 cidades do Paraná, demonstra uma situação de assédio judicial. O jornal paranaense nada fez além de cumprir sua missão – a de informar a população sobre os supersalários de magistrados e representantes do Ministério Público do Paraná.

Neste e em outros casos, os tribunais superiores vêm revisando sentenças e devolvendo à sociedade um direito constitucional.

A ABERT lembra que não existe sociedade livre sem o direito à informação, à reflexão, e sem uma imprensa livre. E preservar esta liberdade é uma missão vital para nós.



PANORAMA DA  
**VIOLÊNCIA CONTRA  
A IMPRENSA**

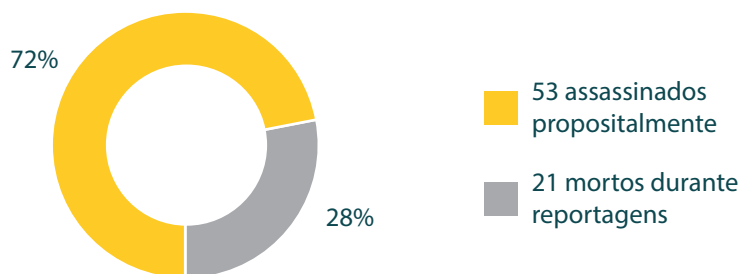


# UMA PROFISSÃO DE RISCO

Em um mundo assombrado por guerras, grupos terroristas, organizações criminosas e governos corruptos ou omissos, os jornalistas continuam sendo tratados como alvos. No Brasil, dois profissionais foram executados no ano passado. Perdas que envergonham o país e expõem as dificuldades que as autoridades brasileiras enfrentam para coibir uma forma de violência que, mais do que ameaçar indivíduos, põe em risco a própria democracia.

E, infelizmente, os dois brasileiros não foram as únicas vítimas da intolerância daqueles que não admitem críticas e temem a verdade. Segundo a organização não-governamental internacional Repórteres Sem Fronteiras (RSF), que atua na defesa da liberdade de imprensa, pelo menos 74 representantes da mídia foram assassinados em 21 países só em 2016. Desse total, a grande maioria (72%) foi morta apenas como represália por cumprir a missão de informar.

## JORNALISTAS ASSASSINADOS NO MUNDO EM 2016 REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS



Foi exatamente assim com João Miranda do Carmo. Dono do site SAD Sem Censura, em que criticava políticos e produzia reportagens sobre ações policiais, crimes e problemas administrativos de Santo Antônio do Descoberto (GO), Do Carmo foi atacado em casa. De acordo com testemunhas, duas pessoas saíram de um veículo estacionado

em frente à residência do jornalista, gritaram seu nome e em seguida fizeram 22 disparos. Atingido por treze tiros, ele não resistiu aos ferimentos e morreu antes mesmo da chegada do socorro. Entre os suspeitos de envolvimento no crime está Itamar Lemes do Prado, agora ex-prefeito da cidade, que vinha sendo acusado de corrupção pelo jornalista.

Menos de um mês depois, o proprietário do jornal O Grito, de Minas Gerais, foi baleado cinco vezes - quatro tiros foram nas costas. Em sua publicação, Maurício Campos Rosa vinha denunciando irregularidades cometidas por políticos locais.

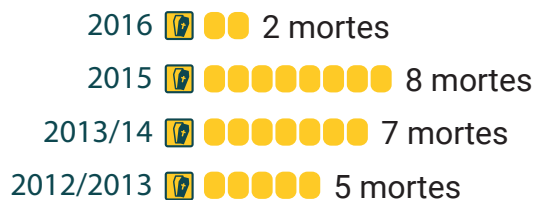
As duas execuções, atribuídas pelas autoridades ao exercício da atividade jornalística, representam um golpe à liberdade de informação e uma perda irreparável para os cidadãos. Afinal, a sociedade só pode reagir e se mobilizar em busca de direitos quando conhece a realidade. E só uma imprensa livre e sem medo pode combater a corrupção, denunciar injustiças e fiscalizar governos.

Em um mundo globalizado, cheio de contradições e ameaças, os jornalistas são os olhos e os ouvidos de uma comunidade. Por isso,

sempre que um profissional ou um veículo de comunicação é ameaçado, impedido de noticiar os fatos, de relatar o que na maioria das vezes só a imprensa tem a oportunidade de testemunhar, quem perde é a coletividade.

A novidade este ano, é que, pela primeira vez desde 2012, o levantamento da ABERT indica uma queda no número de mortes. O dado chama a atenção principalmente se comparado ao de 2015, quando 8 profissionais foram assassinados no país. Três deles em apenas 11 dias, durante o que as organizações internacionais de monitoramento da atividade jornalística chamaram de "o novembro negro no Brasil".

## JORNALISTAS ASSASSINADOS NO BRASIL



# ENTRE OS MAIS PERIGOSOS DO MUNDO

A redução no número de mortes, obviamente, é positiva. Mas nem mesmo isso fez com que o Brasil fosse retirado das listas internacionais de periculosidade para a profissão. Relatórios da RSF dos últimos cinco anos indicam que somos hoje a segunda nação mais perigosa da América Latina para a prática do jornalismo, atrás apenas do México.

Segundo Emmanuel Colombié, diretor regional da RSF para a América Latina, são vários os fatores que podem explicar o problema. Entre eles, o aumento da violência em geral no interior do país (onde geralmente ocorrem os assassinatos), a maior polarização política – que levou a população às ruas e expôs a imprensa aos ataques de policiais e manifestantes – e as transformações que vêm acontecendo no próprio jornalismo, com o surgimento de pequenos meios de comunicação que muitas vezes não dão o suporte necessário a seus profissionais.

“Isso os deixa mais vulneráveis a intimidações, como processos judiciais, ameaças e até assassinatos”, disse Colombié à ABERT. “É surpreendente que uma democracia bem estabelecida como o Brasil apareça no topo da lista dos países com maior número de jornalistas assassinados, mesmo que seja uma das nações com maior população da América Latina. Nesse sentido, a violência contra comunicadores continua sendo um dos grandes desafios para o aprofundamento da liberdade de expressão no país”, afirma ele.

A Press Emblem Campaign (PEC) – ONG formada por jornalistas de várias nacionalidades que atua como consultora especial da ONU – colocou o Brasil entre os dez países mais perigosos do mundo para os jornalistas em 2016.

## PAÍSES MAIS PERIGOSOS DO MUNDO EM 2016 – PEC



1 - Iraque



2 - Síria



3 - Afeganistão



4 - México



5 - Iêmen



6 - Guatemala



7 - Índia



8 - Paquistão



9 - Turquia



**10 - BRASIL**

A posição brasileira no ranking mundial é ainda pior quando considerado um período mais abrangente, entre 2012 e 2016. Neste caso, de acordo com a PEC, o país aparece à frente até mesmo do Afeganistão, que não só enfrenta uma guerra há anos, como ainda vem assistindo ao avanço da influência do grupo extremista Estado Islâmico (EI) sobre seu território. Conhecido por perseguir jornalistas que não concordam com sua ideologia, o EI trata profissionais de imprensa como espões e traidores, executando-os barbaramente. Difícil compreender como um país democrático e com leis e instituições em funcionamento como o Brasil pode superar um cenário de terror como o afegão.

## OS DEZ PAÍSES MAIS PERIGOSOS DO MUNDO (2012-2016) - PEC

 1 - Síria

 2 - Iraque

 3 - Paquistão

 4 - México

 5 - Somália

 **6 - BRASIL**

 7 - Filipinas

 8 - Índia

 9 - Afeganistão

 10 - Honduras

## RANKING - LIBERDADE DE IMPRENSA NO MUNDO REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS - 2016 (\*)



(\*) Foram utilizados dados de 2015 no levantamento.



As execuções são inadmissíveis porque têm implicações que vão muito além das irreparáveis perdas individuais. Esses atentados criam um ambiente de medo que intimida até mesmo os profissionais mais experientes e leva à autocensura. Perseguidos, ameaçados ou preocupados com a segurança de familiares e amigos, muitos jornalistas são obrigados a se calar.

O resultado imediato disso é que, sem fontes independentes e confiáveis de informação, a sociedade não dispõe dos mecanismos necessários para fiscalizar governos e exigir melhorias sociais, o que só dificulta o aperfeiçoamento democrático.

Esse clima de insegurança constante para o exercício da profissão foi uma das razões

para a queda do Brasil no Ranking Mundial da Liberdade de Imprensa, elaborado pela Repórteres Sem Fronteiras entre 180 nações. No balanço de 2016 (feito com dados de 2015), o país caiu da 99ª para a 104ª posição, abaixo de vizinhos como a Argentina, a Bolívia, o Peru e de países como Butão, Kosovo e Senegal. Preocupante ainda é o fato de que o quadro vem se deteriorando rapidamente, já que em 2010 ocupávamos a 58ª colocação na lista.

Para a elaboração do ranking, a entidade também leva em conta critérios como independência da mídia, pluralismo e ambientes legislativo, institucional e de infraestrutura para o desempenho da atividade jornalística.



Hi-Resolution Color 633

Power button

Channel and volume controls

Warning label on the back panel



VIOLÊNCIA E  
**LIBERDADE**  
**DE IMPRENSA**  
NO MUNDO

# Fenômeno Mundial

Entidades internacionais como a RSF e o Comitê para a Proteção dos Jornalistas (CPJ) – ONG que promove a liberdade de imprensa no mundo –, também registraram queda nas mortes de profissionais da área. Mas nem por isso essas organizações demonstram menos preocupação com o cenário atual. E não é difícil entender o porquê.

A RFS, por exemplo, atribui a redução no número de assassinatos à fuga de jornalistas dos países em que a tarefa de informar se transformou em risco de vida. Isso, segundo

a entidade, acaba criando “buracos negros da informação” em vários pontos do planeta.

Já o CPJ avalia que a queda pode estar ligada à decisão de muitos veículos de evitar que suas equipes enfrentem situações de perigo. O comitê ainda afirma que o esforço para chamar a atenção do mundo para o problema e as consequências legais dos assassinatos podem estar fazendo com que os criminosos adotem outros métodos para silenciar jornalistas considerados incômodos.



## MORTES DE JORNALISTAS NO MUNDO – RSF \*\*



## MORTES DE JORNALISTAS NO MUNDO – CPJ \*\*



## MORTES DE JORNALISTAS NO MUNDO – FIJ \*\*



\*\* Os números variam porque as metodologias utilizadas nos levantamentos são diferentes.

Não é à toa que a Federação Internacional dos Jornalistas (FIJ), que também apontou queda nas execuções, diz ter sido alertada para o aumento de outros tipos de violência contra os profissionais de imprensa. Foi exatamente isso que aconteceu no

Brasil. Levantamento da ABERT mostra que, na comparação entre 2015 e 2016, houve um aumento de mais de 60% no número das agressões sem vítimas fatais contra representantes da mídia.



## TOTAL DE CASOS DE VIOLÊNCIA NÃO-LETAL CONTRA JORNALISTAS - ABERT \*



\*As decisões judiciais não foram incluídas no cálculo

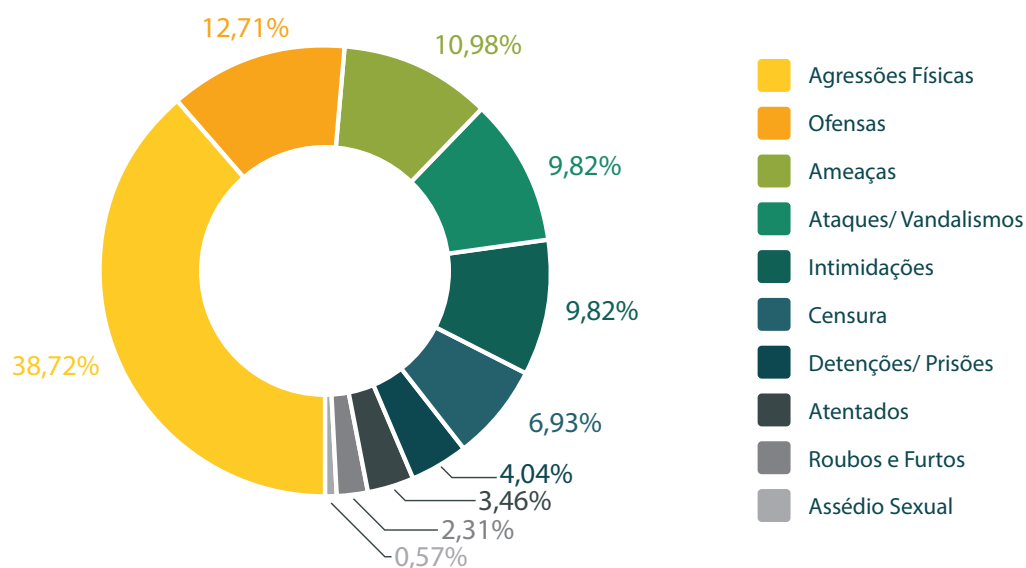
Entre os dez tipos de violência não-letal registrados em 2016, apenas os casos de detenção não subiram.

Em 2016, houve ainda relatos de dois crimes que não aparecem no levantamento de 2015: uma queixa de assédio sexual e quatro de roubo.

## CASOS DE VIOLÊNCIA NÃO-LETAL – 2016/2015

	2015	2016	
Agressões Físicas	64	67	<b>Aumento de 4,7%</b>
Atentados	3	6	<b>Aumento de 100%</b>
Ataques/ Vandalismos	3	17	<b>Aumento de 566%</b>
Ameaças	14	19	<b>Aumento de 35,7%</b>
Detenções/ Prisões	8	7	<b>Queda de 12,5%</b>
Ofensas	5	22	<b>Aumento de 340%</b>
Intimidações	9	17	<b>Aumento de 88,8%</b>
Censura	0	12	–
Roubos e Furtos	0	4	–
Assédio Sexual	0	1	–

## RESUMO DA VIOLÊNCIA NÃO-LETAL 2016



Embora as execuções sejam o pior e mais definitivo modo de calar jornalistas, todas as formas de violência devem ser consideradas gravíssimas. E a única maneira de combater esses crimes é acabar com a impunidade. É a certeza da ausência de punição que estimula os agressores a violar a lei na tentativa de calar e amedrontar os profissionais de imprensa.

Publicado anualmente pelo CPJ, o Índice Global de Impunidade pelo assassinato de jornalistas deixa claro que responsabilizar culpados ainda não é uma prioridade no Brasil. Em 2016, pelo segundo ano consecutivo, apenas duas nações latino-americanas aparecem no ranking. E o Brasil é uma delas.

O levantamento calcula o número de assassinatos não resolvidos em um período de dez anos como uma porcentagem em relação à população de cada país. Somente as nações com cinco ou mais casos não solucionados entre 1º de setembro de 2006 e 31 de agosto de 2016 foram incluídas na lista. Os crimes são considerados não esclarecidos quando não houve condenações.

O Brasil ainda teve um desempenho pior do que em 2015 no ranking e agora ocupa a nona posição, entre os 13 países que aparecem no levantamento de 2016. O México é o sexto. A ONG alerta que só na década passada 15 jornalistas brasileiros foram assassinados com “absoluta impunidade”. Todos trabalhavam em coberturas políticas e de corrupção e, afirma o comitê, foram mortos por grupos criminosos e funcionários dos governos.

## ÍNDICE GLOBAL DE IMPUNIDADE – CPJ – 2016 \*\*

	1 - Somália		8 - Paquistão
	2 - Iraque		<b>9 - BRASIL</b>
	3 - Síria		10 - Rússia
	4 - Filipinas		11 - Bangladesh
	5 - Sudão do Sul		12 - Nigéria
	6 - México		13 - Índia
	7 - Afeganistão		

\*\* Número de assassinatos não resolvidos em um período de dez anos em relação à população de cada país

Paula Martins, diretora executiva da Artigo 19 – ONG internacional de direitos humanos que trabalha na promoção da liberdade de expressão e do acesso à informação –, afirma que no Brasil não existe interesse nem vontade política para solucionar os crimes contra profissionais de imprensa. “O Estado não toma medidas preventivas para evitar os casos de violência, medidas protetivas para aqueles

em situação de risco potencial e tampouco investiga e responsabiliza perpetradores de crimes da forma como deveria”, diz ela.

Mas, segundo o CPJ, a boa notícia para o país é que, nos últimos três anos, foram condenados suspeitos em seis casos. Embora em apenas um deles a Justiça tenha punido todos os envolvidos, a entidade

avalia que houve mais avanço aqui do que em qualquer outra nação onde o comitê já registrou assassinatos de jornalistas.

Importante notar que, se ainda existem assassinatos impunes, crimes considerados menos graves e com menor visibilidade recebem ainda menos atenção das autoridades. Isso só demonstra que o Governo Federal, dos estados e o Congresso Nacional devem agir o quanto antes. Não só em teoria, mas também na prática. Criar mecanismos internos de proteção aos jornalistas e combater a corrupção que muitas vezes alimenta a impunidade deve ser uma prioridade. Um bom caminho seria estimular o treinamento de agentes públicos de segurança. É inadmissível que um país considerado democrático permita que funcionários quem têm a missão de proteger ataquem profissionais e não sejam nem mesmo punidos por isso. E os policiais ou agentes de segurança ainda estão entre os maiores responsáveis pelas agressões e intimidações à imprensa no Brasil.

A certeza de impunidade é tão grande que, em 2016, até mesmo um delegado se sentiu seguro o suficiente para ameaçar um profissional em uma mensagem gravada.

Agentes incapazes de respeitar o princípio básico da divergência de opiniões e da convivência entre diferentes devem ter uma punição rigorosa. Só o exemplo pode coibir abusos tão corriqueiros

que, muitas vezes, mesmo registrados em imagens, são esquecidos.

Na busca de mecanismos de controle para essa violência, diversas organizações internacionais, lideradas pela RSF, lançaram em 2016 um apelo para que seja nomeado um Representante Especial do Secretário Geral das Nações Unidas para a Segurança dos Jornalistas. O objetivo é que a ONU e seus integrantes atribuam ao cargo peso político para que se possa agir com rapidez e legitimidade na coordenação dos esforços da organização em defesa da imprensa.

A Justiça também deve desempenhar o papel de punir com rigor e rapidez os culpados pelos crimes. E, finalmente, em um mundo cada vez mais conectado, em que as notícias são transmitidas em tempo real, é fundamental que ajudemos a sociedade a compreender que a imprensa é uma aliada dos cidadãos e não uma inimiga a ser combatida. Afinal, só os jornalistas podem desempenhar de maneira independente e pluralista a missão de buscar e difundir informações que permitam o debate público.

O cenário é cada vez mais preocupante. Com as redes sociais e a proliferação de pequenos meios de comunicação virtuais em várias cidades do país, o problema da violência contra a mídia vem se agravando, já que a grande maioria dos proprietários e profissionais desses sites, blogs e jornais atua de maneira precária e sem o amparo institucional e jurídico de grandes órgãos de imprensa.



Até mesmo processos – que muitas vezes requerem valores consideráveis em dinheiro e tempo – se transformaram em armas contra a atividade jornalística. “Ações criminais têm sido usadas como uma maneira de silenciar comunicadores que criticam pessoas poderosas”, afirma Paula Martins, da Artigo 19. Por isso, ela acredita que a descriminalização dos delitos contra a honra deveria ser analisada com “urgência”.

Na avaliação da RSF, no Brasil também não há visibilidade suficiente para essas violações. “Nenhuma medida com maior abrangência ou impacto foi adotada de forma sistemática pelo governo desde que passou a se constatar um aumento da violência contra a profissão”, declara Emmanuel Colombié, diretor regional da entidade na América Latina.

A Artigo 19 afirma também que é fundamental que o Estado brasileiro admita que esses crimes ocorrem em função do exercício da liberdade de expressão. Afinal, muitas das vítimas se notabilizaram por denunciar práticas de corrupção e violações de direitos humanos. “Eles sofrem violência porque alguém deseja calá-los. Incredivelmente, hoje, essa constatação não é tão incontroversa como deveria ser”, diz Martins. A ONG defende ainda que o Estado defina investimentos para políticas de prevenção e de proteção para profissionais ameaçados e responsabilize policiais envolvidos em casos de violência contra jornalistas.

A ABERT, como representante de alguns dos principais veículos do país, vem acompanhando com preocupação o aumento da violência contra os profissionais de imprensa. Difundindo dados sobre o assunto e cobrando ações enérgicas das autoridades, esperamos contribuir cada vez mais para que crimes do passado não sejam esquecidos e não se repitam.

A escalada da violência mostra que são necessárias medidas urgentes. O Governo Federal, dos estados e o Congresso Nacional devem se mobilizar na tentativa de resolver um problema que prejudica toda a sociedade e que, por isso, é de todos nós. Mais do que projetos de lei que não são analisados e comissões que não têm poder para implementar políticas de combate a esses crimes, precisamos de ação.

Promover o respeito na convivência democrática entre jornalistas, agentes públicos de segurança, políticos e a população é, sem dúvida nenhuma, um dever do Estado de Direito. Até por isso esperamos também celeridade e independência nas decisões da Justiça. Como responsáveis pela aplicação das leis, os magistrados devem não só fazer valer direitos constitucionais como o sigilo da fonte, mas também desestimular aqueles que pretendem usar os tribunais como forma de intimidar os jornalistas. Um país só é livre se tiver uma imprensa livre. E só com o empenho de todos poderemos agir com a urgência que a situação impõe.





OS CRIMES  
**CONTRA**  
**JORNALISTAS**  
NO BRASIL



## ASSASSINATOS

Antes de ser assassinado em sua própria casa, no município goiano de Santo Antônio do Descoberto (a cerca de 50 km de Brasília), **João Miranda do Carmo**, 54 anos, já havia recebido duas advertências de seus perseguidores. Na primeira, em 2014, o jornalista teve seu carro incendiado. Mas a pressão aumentou mesmo no início de 2016, quando a família afirmou que ele foi ameaçado de morte. Cinco meses depois, Do Carmo foi baleado treze vezes. Atingido no peito, nas costas, pernas e nos braços, não resistiu aos ferimentos.

O inquérito ainda não foi concluído, mas todas as linhas de investigação apontam para uma vingança relacionada a informações divulgadas pelo jornalista. Segundo o delegado encarregado do caso, Cléber Martins – titular da Delegacia de Homicídios de Águas Claras – o agora ex-prefeito de Santo Antônio do Descoberto, Itamar Lemes do Prado, está entre os suspeitos de encomendar o crime. Ele vinha sendo acusado de corrupção pelo jornalista. O ex-chefe da segurança de Prado e outras três pessoas também estão sendo investigados. Todos negam participação no homicídio. Menos de um mês depois, **Maurício Campos Rosa**, dono do jornal O Grito, em Santa Luzia (MG), foi morto com cinco tiros. Aos 64 anos, ele vinha publicando uma série de reportagens a respeito de uma

investigação do Ministério Público sobre o possível envolvimento de vereadores em irregularidades em processos de licitação.

Carlos Dias Barbosa, então editor chefe da publicação, afirma ter ouvido de um vereador que um de seus colegas de Câmara havia dito que os jornalistas responsáveis pelo jornal deveriam “ficar com o pé atrás”. A execução aconteceu um dia depois da ameaça. O clima geral entre aqueles que conheciam Rosa ainda é de insegurança. “Estou com medo até agora”, diz Barbosa. O jornal O grito não existe mais.

A Artigo 19 divulgou no final de 2016 um estudo sobre a impunidade em crimes como esses no Brasil. O projeto analisou 12 casos de homicídios de comunicadores, que ocorreram entre 2012 e 2014. Segundo a apuração da entidade, todas as execuções estão relacionadas a denúncias publicadas pelos profissionais. E em 75% dos crimes, a suspeita é de que os mandantes sejam políticos ou policiais.

As duas execuções de 2016 confirmam esse padrão. As duas vítimas, do sexo masculino, viviam em municípios pequenos e se dedicavam a reportagens policiais e relacionadas à política ou às administrações da região.

CASOS

2

Vítimas

2

## PERFIL DOS ASSASSINATOS

	<b>Região</b>	Sudeste Centro-Oeste	1 (MG) 1 (GO)
	<b>Sexo</b>	Homens	2
	<b>Área de atuação</b>	Política regional, crítica às administrações locais	2
	<b>Veículo</b>	Site Jornal	1 1
	<b>Morte</b>	Baleados	2
	<b>Suspeitos conhecidos</b>	Ex-prefeito Ex-chefe de segurança	1 1



## ATENTADOS

Pelo menos seis jornalistas sofreram atentados que poderiam ter levado à morte. Todos eram homens e, mais uma vez, ligados à cobertura policial ou de política.

Em Rondônia, dois profissionais foram atacados em um intervalo de menos de uma semana. **Ivan Pereira Costa**, 53, proprietário do portal Veja Notícias, na cidade de Cujubim (a aproximadamente 220 km da capital, Porto Velho), levou dois tiros enquanto conversava com um amigo na porta de casa. “Fui calado e não quero nem mais ouvir falar em jornalismo”, disse Costa à ABERT. “E esse era o objetivo deles.”

O comunicador foi obrigado a vender tudo o que possuía em Rondônia e a sair do Estado. Hoje, traumatizado e preocupado com a segurança da família, ele não consegue emprego em outra área e vive com a ajuda de familiares e amigos. “Nunca imaginei que uma coisa assim pudesse acontecer. Foi uma surpresa imensa porque nunca recebi ameaças. Mas isso virou minha vida de ponta cabeça, teve um impacto gigantesco.” Atingido por dois dos cinco disparos feitos em sua direção, Costa agora tem problemas para movimentar o braço ferido durante o ataque. “Tem noites em que não durmo, tenho pesadelos. Minhas filhas não querem sair de casa à noite. Isso traumatizou a família toda.”

Na opinião do jornalista, o ataque foi motivado por uma série de reportagens sobre assassinatos e desaparecimentos

que aconteceram depois de uma desapropriação de terra na região. Além de conflitos agrários, o portal Veja Notícias ainda se dedicava a coberturas sobre a administração da cidade. Dias depois, **Lucas Bueno**, do portal Cujubim 190, foi perseguido por um homem que invadiu sua casa e disparou três vezes. Ele estava dormindo quando ouviu chutes na porta e conseguiu escapar apenas com ferimentos leves. O repórter vinha cobrindo a mesma desapropriação que Costa. “Eles queriam calar a nossa boca”, afirma.

Embora tenha pensando em abandonar a profissão, Bueno já voltou ao município e ao trabalho. “Mudei de ideia porque a cidade só tem dois jornalistas agora. Eu e mais um. Se eu fosse embora, ia ficar desguarnecida.”

Por medida de segurança, o portal foi desativado. Hoje Bueno trabalha em uma rádio local e não vai mais até as terras invadidas. As reportagens sobre conflitos agrários passaram a ser feitas apenas a partir de relatos da polícia. Em um típico caso de autocensura, ele também deixou de opinar sobre o assunto.

“Continuo com receio. Tenho medo mesmo por meus avós, que me criaram. Ainda evito lugares com muitas pessoas e não saio à noite. Mas tenho amor pela profissão. Estamos levando informação a quem não tem. Coloco minha vida em risco por isso”, diz ele, que também não acredita que os responsáveis sejam presos.

CASOS

6

Vítimas

6

## PERFIL DOS ATENTADOS

	<b>Região</b>	Sudeste	<b>2</b> (SP e RJ)
		Norte	<b>3</b> (2 RO e 1 RR)
		Nordeste	<b>1</b> (CE)
	<b>Sexo</b>	Homens	<b>6</b>
	<b>Cobertura *</b>	Política local	<b>4</b>
		Conflitos agrários	<b>2</b>
		Denúncias de corrupção	<b>2</b>
		Polícia	<b>1</b>
		Desocupação de favelas	<b>1</b>
	<b>Veículo</b>	Jornal	<b>2</b>
		Portal	<b>2</b>
		Rádio	<b>1</b>
		Blog	<b>1</b>
	<b>Forma de violência</b>	Tiros	<b>4</b>
	<b>Suspeitos conhecidos</b>	PM	<b>1</b>
		Não identificados	<b>5</b>

(\*) Quase todos os profissionais se dedicavam à cobertura de mais de um assunto.



## AGRESSÕES

As agressões são a forma mais comum de violência contra jornalistas. Mesmo identificados como imprensa, profissionais de todos os meios de comunicação continuam sendo atacados no país, em circunstâncias variadas. Os mais visados, até pelas próprias características do veículo, são aqueles que trabalham em emissoras de TV, seguidos por representantes de jornais e rádios.

A maioria dos ataques aconteceu durante os protestos que novamente tomaram conta do país em 2016. Mais uma vez chama a atenção que, nos casos em que os agressores foram identificados, policiais e agentes de segurança aparecem como os grandes responsáveis por esse tipo de violência. “É despreparo. Muitas vezes nem é uma ordem superior. É o calor do momento, quando o policial vê que o que estava fazendo de errado vai ser exposto”, afirma o jornalista Bruno Paes Manso, pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (USP). “Isso acontece porque nós revelamos quando a polícia é mal preparada, o Estado é atabalhado. Mas falar da desorientação dos governos para que eles percebam seus erros faz parte do jornalismo”, diz o pesquisador. Movidos pela crise econômica e a instabilidade política, os manifestantes que foram às ruas demonstraram uma enorme desconfiança em relação aos profissionais de imprensa e um profundo desprezo pela liberdade de informação.

“Se as pessoas, tanto de direita quanto de esquerda, identificam a cobertura como negativa, se se fala em vandalismo durante os protestos, muitos acham que isso desestabiliza e desmoraliza as manifestações. Alguns acabam então hostilizando os jornalistas. Daí

vira senso comum e os outros seguem um comportamento de massa, de manada”, avalia Paes Manso.

Para diminuir os riscos inerentes à profissão, o jornalista afirma que, além de cobrar mais preparo dos policiais, a categoria deve se mobilizar e discutir como agir diante de situações de risco, definindo posturas e caminhos a seguir. “Temos que nos organizar.”

Os políticos e detentores de cargos públicos aparecem em terceiro lugar no ranking de agressores, o que demonstra não só o tamanho do desrespeito à liberdade de informação, mas a certeza de impunidade. O caso do ex-secretário de Habitação de Herval d’Oeste, em Santa Catarina, é emblemático. Enquanto ocupava o cargo, em menos de dois meses, Tomaz Conrado agrediu dois profissionais de rádio. E um dos ataques aconteceu em pleno Dia do Jornalista, 7 de abril.

Embora a violência tenha ocorrido majoritariamente durante os protestos, coberturas aparentemente inofensivas também desencadearam agressões. Um repórter cinematográfico da Rede TV foi atingido por um soco enquanto fazia imagens em um seminário dentro de uma biblioteca. A situação é tão absurda que outros profissionais ainda foram alvo da violência dentro de câmaras municipais e prefeituras, e muitos chegaram a fazer imagens dos ataques. Só em 2016 foram relatadas 67 agressões, envolvendo pelo menos 126 vítimas – em muitos casos mais de um profissional foi atingido e em outros, não foi possível determinar o número exato de afetados pela violência. Novamente a região Sudeste lidera os ataques.

**CASOS**

67

**Vítimas**

Pelo menos 126



## PERFIL DAS AGRESSÕES

	<b>Região</b>	Sudeste	<b>36</b> (26 SP, 6 RJ, 2 ES e 2 MG)
		Norte	<b>10</b> (3 PA, 3 RO, 3 AP, 1 AC)
		Centro-Oeste	<b>9</b> (1 MS, 1 GO e 7 DF)
		Sul	<b>8</b> (5 RS, 3 SC)
		Nordeste	<b>4</b> (3 CE, 1 SE)
	<b>Sexo</b>	Homens	<b>95</b>
		Mulheres	<b>25</b>
		Não especificados	<b>6</b>
	<b>Coberturas</b>	Protestos	<b>30</b>
		Ações policiais, crimes	<b>9</b>
		Eventos ligados à política	<b>9</b>
		Desocupações, Reintegrações de posse	<b>3</b>
		Outros	<b>16</b>
	<b>Veículo*</b>	TV	<b>36</b>
		Jornal	<b>16</b>
		Rádio	<b>13</b>
		Coletivos de mídia	<b>8</b>
		Portal	<b>5</b>
		Agências	<b>4</b>
		Revistas	<b>3</b>
		Freelancers	<b>2</b>
		Blog	<b>1</b>
Site	<b>1</b>		
	<b>Tipos de Agressão</b>	Socos, pedradas, facadas, tentativas de atropelamento e de estrangulamento, armas apontadas para a cabeça, estilhaços de bombas, spray de pimenta, golpes de cassete, equipamentos danificados e tomados, cartões de imagens apagados, entre outros	
	<b>Autores</b>	Policiais ou agentes de segurança	<b>27</b>
		Manifestantes	<b>14</b>
		Políticos ou ocupantes de cargos públicos	<b>5</b>
		Outros (dirigentes de clubes de futebol, advogados, torcedores)	<b>21</b>

(\*) Em alguns casos, mais de um veículo foi atacado ao mesmo tempo



## AMEAÇAS

Agressões, processos, prisões e morte. São muitos os tipos de ameaças utilizados por aqueles que tentam impedir que os profissionais de imprensa cumpram a missão de informar. Confiantes, os criminosos não hesitam nem mesmo em deixar mensagens intimidadoras gravadas ou registradas em redes sociais. A ousadia, obviamente, é mais uma prova de que os culpados não temem ser descobertos e punidos.

Além de as ameaças serem um crime, quando não são coibidas, podem evoluir para comportamentos delituosos ainda mais perigosos, como agressões físicas e até mesmo assassinatos. “A maioria esmagadora dos comunicadores que são

vítimas de violência já recebeu ameaças antes, o que demandaria que o Estado agisse para protegê-los”, declara Paula Martins, da Artigo 19. “No entanto, hoje, infelizmente, as políticas de proteção oferecidas a comunicadores sob ameaça, bem como àqueles que trabalham em áreas geográficas de risco ou com temas sensíveis, são bastante frágeis”, diz ela.

Vinte e dois jornalistas sofreram ameaças em 2016. Na maioria das vezes eram homens e funcionários de jornais e TVs. As reportagens sobre política, corrupção e ações policiais continuam sendo as mais temidas.

**CASOS**

19

**Vítimas**

pelo menos 22\*

(\* ) Mais de uma por caso e, em alguns deles, não foi especificado o número de vítimas

## PERFIL DAS AMEAÇAS

	<b>Região</b>	Sudeste	<b>7</b> (5 SP; 1 MG e 1 ES)
		Sul	<b>4</b> (3 PR e 1 SC)
		Norte	<b>4</b> (1 AC, 1 AM, 1 PA e 1 TO)
		Centro-oeste	<b>3</b> (2 MT, 1 GO)
		Nordeste	<b>1</b> (RN)
	<b>Sexo</b>	Homens	<b>18</b>
		Mulheres	<b>3</b>
		Não identificado	<b>1</b>
	<b>Área de atuação</b>	Política/Corrupção	<b>10</b>
		Ações policiais/crimes	<b>5</b>
		Não identificados	<b>3</b>
		Conflitos agrários	<b>1</b>
	<b>Veículo</b>	Jornais	<b>7</b>
		TVs	<b>4</b>
		Revistas	<b>2</b>
		Sites	<b>2</b>
		Portais	<b>2</b>
		Rádio	<b>1</b>
		Blog	<b>1</b>
	<b>Tipo de ameaça</b>	Morte	<b>7</b>
		Não identificado	<b>4</b>
		Agressão física	<b>3</b>
		Destrução de equipamento/carro	<b>2</b>
		Prisão	<b>1</b>
		Processo	<b>2</b>
	<b>Autores</b>	Políticos/funcionários públicos	<b>4</b>
		Policiais/agentes de segurança	<b>4</b>
		Juíza	<b>1</b>
		Outros	<b>10</b>



## INTIMIDAÇÕES

Os casos de intimidação também aumentaram consideravelmente em 2016. Foram 17 registros envolvendo pelo menos 22 pessoas, um crescimento de quase 90% em relação a 2015. É impossível calcular o número exato de vítimas porque muitos casos de constrangimentos não são informados.

O objetivo daqueles que intimidam é sempre impedir ou dificultar o trabalho da imprensa. Muitos, por exemplo, aproveitam-se de transmissões ao vivo para gritar palavras de ordem ou xingar os profissionais, em uma clara demonstração de que não compreendem o trabalho dos jornalistas e o papel fundamental da função para o aperfeiçoamento democrático.

**CASOS**

17

**Vítimas**

pelo menos 22\*

(\*) Mais de uma por caso

## PERFIL DAS INTIMIDAÇÕES

	<b>Região</b>	Sudeste	<b>11</b> (8 SP, 1 RJ, 1 ES, 1 MG)
		Nordeste	<b>4</b> (1 CE, 1 RN e 2 BA)
		Sul	<b>1</b> (RS)
		Centro-oeste	<b>1</b> (GO)
	<b>Sexo</b>	Homens	<b>10</b>
		Mulheres	<b>6</b>
		Não identificado	<b>6</b>
	<b>Veículos</b>	TVs	<b>8</b>
		Rádios	<b>4</b>
		Jornais	<b>3</b>
		Não Informado	<b>1</b>
		Portal	<b>1</b>
	<b>Cobertura</b>	Manifestações	<b>8</b>
		Política	<b>5</b>
		Saúde	<b>1</b>
		Polícia	<b>2</b>
		Esporte	<b>1</b>
	<b>Tipo</b>	Impedir transmissões	<b>3</b>
		Não informados	<b>3</b>
		Xingamentos/ gritos	<b>3</b>
		Pedir cópias de material jornalístico	<b>2</b>
		Não especificados	<b>2</b>
		Revistas policiais	<b>1</b>
		Aproximação com arma	<b>1</b>
		Arremessar objetos	<b>1</b>
		Processo	<b>1</b>
	<b>Autores</b>	Manifestantes	<b>9</b>
		Policiais	<b>4</b>
		Estudantes	<b>1</b>
		Torcedores	<b>1</b>
		Políticos	<b>2</b>



## ATAQUES/ VANDALISMO

O jornalismo brasileiro também registrou 17 casos confirmados de ataques contra a imprensa. As televisões foram os alvos mais visados, em especial por manifestantes. Protestando contra o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff ou contra o governo Michel Temer, a população depredou carros e invadiu sedes de veículos de comunicação, deixando feridos até mesmo funcionários sem relação direta com a atividade jornalística.

Em Palmas, no Tocantins, um grupo de manifestantes se reuniu em frente à sede da TV Anhanguera, afiliada da Rede Globo, e arremessou um líquido ácido na direção da entrada da empresa. Dois seguranças terceirizados e um outro funcionário foram atingidos. Dois deles tiveram que ser encaminhados ao hospital.

**CASOS**

17

**Vítimas**

pelo menos 22\*

(\*) Mais de uma por caso

## PERFIL DOS ATAQUES/ VANDALISMO

	<b>Região</b>	Sudeste	<b>7</b> (3 SP, 2 RJ, 1 MG e 1 ES)
		Centro- Oeste	<b>7</b> (3 DF, 2 MT, 1 MS e 1 GO)
		Nordeste	<b>4</b> (2 CE, 1 SE e 1 RN)
		Sul	<b>4</b> (2 RS, 1 SC e 1 PR)
		Norte	<b>2</b> (TO e PA)
	<b>Cobertura</b>	Política	<b>12</b>
		Não identificados	<b>3</b>
		Polícia	<b>1</b>
		Irregularidades na área de comunicação	<b>1</b>
	<b>Tipo de alvos*</b>	Sedes de empresas	<b>10</b>
		Carros de reportagem	<b>6</b>
		Não identificados	<b>3</b>
		Funcionários	<b>2</b>
		Equipamentos	<b>1</b>
	<b>Tipo de ataques*</b>	Invasão de sedes	<b>10</b>
		Arremessar objetos	<b>5</b>
		Pichações	<b>4</b>
		Incêndio	<b>2</b>
		Transmissão interrompida	<b>1</b>
		Outros (gritos, pontapés)	<b>8</b>
	<b>Veículo**</b>	TV	<b>10</b>
		Rádio	<b>3</b>
		Grupos de mídia	<b>3</b>
		Jornais	<b>2</b>
		Não identificado	<b>1</b>
	<b>Autores</b>	Manifestantes	<b>12</b>
		Não identificados	<b>3</b>
		População	<b>1</b>
		Policial	<b>1</b>

(\*) Os casos envolviam mais de um tipo de alvo e de ataque. Em algumas situações, ainda houve atos de vandalismo em vários estados simultaneamente. (\*\*\*) Em um dos casos, mais de um tipo de veículo foi atacado



## OFENSAS

Exceto por um relato de assédio sexual, os casos de ofensa foram as únicas formas de violência contra jornalistas que atingiram majoritariamente mulheres. O comportamento revela preconceitos arraigados na sociedade brasileira. Por isso, quando xingam os profissionais de imprensa, os ofensores normalmente se manifestam de maneira misógina e intolerante.

Entre os agressores estão manifestantes, políticos – como José Éliton (PSDB), vice-governador de Goiás, e o agora prefeito do Rio, Marcelo Crivella (PRB) – e até mesmo jornalistas. Helen Braun, do programa Morning Show, da rádio Jovem Pan, foi chamada de “burra” pelo colega Claudio

Tognolli enquanto os dois estavam no ar. Já o colunista do jornal O Globo, Jorge Bastos Moreno, foi ofendido por Francisco Nogueira e Pedro Zambarda de Araújo, do Diário do Centro do Mundo (DCM). Os dois se referiram a Moreno de forma preconceituosa durante uma discussão política.

A dupla acabou se retratando publicamente, por meio de um pedido de desculpas e de elogios ao colunista. Em nota, afirmaram que a ofensa aconteceu “no calor” do debate e que os xingamentos foram “injustos”. A política é o assunto que mais causa polêmica e os profissionais de jornais e TVs, os alvos preferenciais.

**CASOS**

22

**Vítimas**

pelo menos 27 \*

(\*) Houve mais de uma vítima e de veículo por caso



## PERFIL DAS OFENSAS

	<b>Região</b>	Sudeste	<b>11</b> (8 SP, 2 MG e 1 RJ)
		Não identificado	<b>6</b>
		Centro-oeste	<b>3</b> (2 GO e 1 DF)
		Sul	<b>2</b> (PR e RS)
	<b>Sexo</b>	Homens	<b>14</b>
		Mulheres	<b>10</b>
		Não identificado	<b>3</b>
	<b>Cobertura</b>	Política	<b>12</b>
		Não identificada	<b>2</b>
		Esportes	<b>2</b>
		Polícia	<b>2</b>
		Outros	<b>4</b>
	<b>Veículo</b>	Jornal	<b>9</b>
		TV	<b>8</b>
		Rádio	<b>5</b>
		Revistas	<b>2</b>
		Blog	<b>1</b>
	<b>Tipo</b>	Xingamentos/Ofensas pessoais	<b>22</b>
	<b>Autores</b>	Políticos/funcionários públicos	<b>5</b>
		Não identificados	<b>6</b>
		Manifestantes	<b>4</b>
		Jornalistas	<b>2</b>
		Militante	<b>1</b>
		Estudantes	<b>2</b>
		Taxistas	<b>1</b>
Torcida organizada	<b>1</b>		

(\*) Quase todos os profissionais se dedicavam à cobertura de mais de um assunto.



## ROUBOS E FURTOS

Dois assaltos a veículos de comunicação tiveram grande repercussão em 2016. Em ambos, os crimes aconteceram durante transmissões ao vivo.

Em Aracaju, Sergipe, uma locutora de um programa de rádio pediu socorro à polícia enquanto o local estava sendo assaltado por cinco homens armados e encapuzados. A ação foi filmada pelas câmeras de segurança da rádio. “Eles levaram telefone, levaram tudo”, disse a profissional, amedrontada e chorando.

O segundo episódio, no Tocantins, não foi notado pelos ouvintes porque os ladrões agiram enquanto uma música estava sendo tocada.

Profissionais de revistas americanas também foram vítimas de criminosos durante uma apuração em Rondônia. Os dois correspondentes tiveram os equipamentos roubados depois que o governo do estado proibiu a Polícia Militar de cooperar com uma reportagem sobre violência no campo. Os profissionais perderam, entre outras coisas, equipamentos, cartões de memória e computadores portáteis.

Em outro caso, uma equipe de TV foi assaltada enquanto fazia uma reportagem sobre a falta de segurança na região da Universidade de Campina Grande, na Paraíba.

**CASOS**

4

**Vítimas**

pelo menos 7\*

(\*) Mais de uma vítima por caso

### PERFIL DOS ROUBOS E FURTOS

	<b>Região</b>	Norte Nordeste	2 (TO e RO) 2 (SE e PB)
	<b>Sexo</b>	Homens Mulheres Não identificado	4 2 1
	<b>Cobertura</b>	Transmissões ao vivo Polícia Conflitos agrários	2 1 1
	<b>Veículo</b>	Rádio TV Revista	2 1 1 (estrangeira)
	<b>Tipo</b>	Assaltos	4
	<b>Autores</b>	Não identificados	4



## ASSÉDIO SEXUAL

Em maio, durante uma entrevista com o cantor de funk MC Biel, a jornalista do portal IG, Giulia Pereira, de 21 anos, foi vítima de assédio sexual. Enquanto os dois conversavam, o artista fez comentários e se referiu de maneira imprópria à repórter. O encontro foi todo gravado.

Depois da repercussão negativa do episódio, Biel pediu desculpas por meio de redes sociais.

No final do ano, durante uma audiência, os dois chegaram a um acordo. O funkeiro aceitou pagar cinco salários mínimos a uma instituição de caridade em troca do fim do processo. No encontro, ele também se desculpou com a profissional.

CASOS

1

Vítimas

1

### PERFIL DO ASSÉDIO SEXUAL

**Região**

Sudeste

1

**Sexo**

Mulheres

1

**Cobertura**

Entretenimento

1

**Veículo**

Portal

1

**Autor**

Cantor

1



## CENSURA

O tipo de censura mais comum no Brasil em 2016 foi a proibição do trabalho jornalístico. Expulsos de locais onde fariam coberturas ou simplesmente impedidos de entrar ou de registrar imagens, representantes de vários veículos se viram impedidos de exercer livremente a profissão.

Entre os censores estão policiais, políticos e até dirigentes de futebol, o que demonstra a enorme dificuldade que figuras públicas de vários setores ainda têm de conviver com a transparência e a divergência de opiniões. Em muitos casos, os profissionais de imprensa foram ainda obrigados a se desfazer de imagens que contrariavam interesses dos envolvidos nas apurações.

Em Cuiabá, no Mato Grosso, o repórter fotográfico Marcus Mesquita, do site MidiaNews, teve de apagar fotos feitas

durante o velório de um policial militar. Temendo por sua integridade física, ele disse ter se sentido obrigado a se livrar das imagens ao ser cercado por um grupo de policiais à paisana. Os homens o xingaram e ainda ameaçaram levar seu equipamento. “O mais curioso é que tudo isso aconteceu a apenas alguns metros de onde estava sentado o secretário de Segurança Pública. Eu até o chamei e pedi que ele intercedesse em minha defesa, diante da violência, mas ele apenas olhou e não fez nada”, declarou Mesquita ao MidiaNews logo depois do episódio.

O problema é maior nas regiões Sudeste e Norte, com quatro casos registrados em cada uma dessas áreas.

**CASOS**





12

**Vítimas**

pelo menos 15\*

(\*) Entre profissionais e veículos

## PERFIL DA CENSURA

	<b>Região</b>	Sudeste	<b>4</b> (3 SP e 1 RJ)
		Norte	<b>4</b> (3 PA e 1 RR)
		Sul	<b>2</b> (SC)
		Nordeste	<b>1</b> (PE)
		Centro-oeste	<b>1</b> (MT)
	<b>Sexo</b>	Homens	<b>8</b>
		Mulheres	<b>2</b>
		Não identificado	<b>3</b>
	<b>Cobertura</b>	Política	<b>8</b>
		Esporte	<b>2</b>
		Saúde	<b>1</b>
		Polícia	<b>1</b>
	<b>Veículo*</b>	Jornais	<b>6</b>
		TVs	<b>2</b>
		Coletivos de mídia	<b>2</b>
		Sites	<b>2</b>
		Freelancer	<b>1</b>
		Assessores de imprensa	<b>1</b>
	<b>Tipo**</b>	Expulsão/proibição de cobertura	<b>8</b>
		Apagar imagens	<b>4</b>
		Exemplares recolhidos	<b>1</b>
	<b>Censores</b>	Policiais	<b>4</b>
		Políticos	<b>2</b>
		Bombeiros	<b>1</b>
		Médica	<b>1</b>
		Manifestantes	<b>1</b>
		Estudantes	<b>1</b>
		Não identificados	<b>1</b>
		Diretores time de futebol	<b>1</b>

(\*) Em alguns casos, a censura foi dirigida a mais de um veículo (\*\*) Em alguns casos houve mais de um tipo de censura



## DETENÇÕES

A Polícia Militar foi a grande responsável pelas detenções de jornalistas em 2016. Das sete prisões registradas em seis estados, cinco foram feitas pela PM ou com a participação de homens da corporação. Em geral, os profissionais foram acusados de desacato – ofensa a um funcionário público – ou desobediência – desrespeito a uma ordem legal.

Homens da guarda municipal de Nova Lima, na região metropolitana de Belo Horizonte (MG), e agentes do Detran do Amazonas também efetuaram detenções. O fotógrafo Clóvis Miranda, do jornal A Crítica, chegou a ser algemado por funcionários do Departamento de Trânsito depois de fazer imagens de uma abordagem a motoristas que haviam estacionado irregularmente em uma rua de Manaus (AM).

**CASOS**

7

**Vítimas**

9\*

(\*) Mais de uma vítima em alguns casos

## PERFIL DAS DETENÇÕES

	<b>Região</b>	Sudeste	2 (MG)
		Sul	2 (PR e RS)
		Nordeste	2 (SE e PI)
		Norte	1 (AM)
	<b>Sexo</b>	Homens	7
		Mulheres	2
	<b>Cobertura</b>	Desocupações	2
		Polícia	2
		Saúde	1
		Cidades	1
		Ameaça de bomba	1
	<b>Veículo</b>	TVs	3
		Jornais	3
		Rádio	1
	<b>Tipo de Acusação</b>	Desacato	2
		Desobediência	1
		Não definido	4
	<b>Autores*</b>	Policiais	6
		Agentes do Detran	1
		Não identificado	1

(\*) Houve mais de um agressor em um dos casos



## DECISÕES JUDICIAIS

Entidades internacionais ligadas à liberdade de imprensa e de expressão têm elogiado o Brasil pela condenação de acusados de assassinatos de profissionais de mídia. Embora o aumento nas punições ainda seja modesto, dizem essas organizações, ele é superior ao de outros países que enfrentam o mesmo tipo de problema.

Levantamento feito pelo CPJ mostra que o Brasil, nos últimos três anos, condenou suspeitos pelas execuções de seis jornalistas, o que, segundo a entidade, é mais do que foi feito por qualquer outro país no mesmo período.

Em abril, a Justiça do Maranhão, por exemplo, voltou a condenar Marcos Bruno de Oliveira, acusado de participação na morte do jornalista Décio Sá, a 18 anos e três meses de prisão. Oliveira foi apontado como o motociclista que deu fuga a Jhonathan de Sousa Silva, assassino confesso do jornalista. O réu já havia sido condenado em fevereiro de 2014, mas recorreu da decisão e teve o julgamento anulado pelo Tribunal de Justiça do Maranhão. Um novo júri popular confirmou o veredito.

Décio Sá foi executado em 2013, depois de denunciar um esquema de agiotagem com a participação de prefeitos e ex-prefeitos maranhenses.

Já em setembro, o Superior Tribunal de Justiça decidiu que os dois acusados de atirar o rojão que matou o cinegrafista Santiago Andrade deverão responder por homicídio qualificado e com dolo eventual, o que significa que Fabio Raposo e Caio Silva de Souza assumiram o risco de matar. Funcionário da Band, Andrade foi ferido na

cabeça enquanto registrava um confronto entre manifestantes e policiais durante um protesto, no centro do Rio, contra o aumento das passagens de ônibus.

A Justiça Eleitoral no Paraná também decidiu a favor do jornalismo quando considerou censura prévia o pedido de uma coligação partidária para impedir entrevistas veiculadas na programação da Jovem Pan de Maringá durante as eleições. O juiz que analisou o caso reconheceu o interesse coletivo da informação e afirmou que a rádio estava apenas exercendo seu direito à liberdade de imprensa.

Mas nem sempre as decisões judiciais representam avanços. Dos 18 casos registrados em 2016, 12 contrariavam interesses do jornalismo independente. Juízes de vários estados ordenaram a prisão de profissionais e proibiram veículos de publicar informações. Em situações extremas, chegaram a determinar a quebra de sigilos telefônicos na tentativa de descobrir a origem de reportagens, uma clara ameaça a um dos pilares do jornalismo: o direito constitucional do sigilo da fonte.

Outros episódios mostram que a Justiça vem claramente sendo utilizada como uma forma de intimidar profissionais. No Paraná, magistrados que tiveram seus salários revelados em uma reportagem ingressaram com dezenas de ações idênticas, mas individuais, contra o jornal *Gazeta do Povo*, três de seus repórteres e o responsável pelo visual gráfico da publicação. Para poder comparecer às audiências, os jornalistas foram obrigados a passar até quatro dias da semana sem trabalhar.



Em um caso de grande repercussão, o juiz Olavo Zampol Júnior, de São Paulo, ainda considerou o fotógrafo Sérgio Andrade, ferido pela polícia durante uma manifestação, culpado pela agressão que sofreu. O fotógrafo, que perdeu a visão de um olho ao ser atingido por uma bala de borracha disparada por um policial, entrou com um pedido de indenização contra o Estado de São Paulo. Em seu texto, o juiz afirma que o incidente ocorreu “por culpa exclusiva do autor, ao se colocar

na linha de confronto entre a polícia e os manifestantes”. Com isso, diz Zampol, o fotógrafo “voluntária e conscientemente assumiu o risco de ser alvejado por alguns dos grupos em confronto”.

Andrade pedia indenização por danos moral, estético e material, uma pensão mensal e ajuda financeira para custeios médicos. Ainda cabe recurso da decisão.

## CASOS

18

## PERFIL DAS DECISÕES JUDICIAIS



### Decisões

Contra a imprensa	<b>12</b>
A favor da imprensa	<b>3</b>
Condenação	<b>1</b>
Decisões relacionadas a assassinatos	<b>2</b>



### Região

Sudeste	<b>5</b> (3 SP, 1 RJ e 1 MG)
Sul	<b>5</b> (4 PR e 1 RS)
Nordeste	<b>5</b> (3 CE, 1 BA e 1 MA)
Centro-Oeste	<b>2</b> (DF)
Norte	<b>1</b> (PA)

# Comparação com Anos Anteriores

## COMPARAÇÃO / ANOS ANTERIORES

	<b>Assassinatos</b>	2016	<b>2</b>
		2015	<b>8</b>
		2013/2014	<b>7</b>
		2012/2013	<b>5</b>
	<b>Atentados</b>	2016	<b>6</b>
		2015	<b>3</b>
		2013/2014	<b>6</b>
		2012/2013	<b>8</b>
	<b>Agressões</b>	2016	<b>67</b>
		2015	<b>64</b>
		2013/2014	<b>66</b>
		2012/2013	<b>4</b>
	<b>Ameaças</b>	2016	<b>19</b>
		2015	<b>14</b>
		2013/2014	<b>15</b>
		2012/2013	<b>10</b>
	<b>Intimidações</b>	2016	<b>17</b>
		2015	<b>9</b>
		2013/2014	<b>11</b>
		2012/2013	<b>11</b>
	<b>Ataques / vandalismos</b>	2016	<b>17</b>
		2015	<b>3</b>
		2013/2014	<b>15</b>
		2012/2013	<b>0</b>

## COMPARAÇÃO / ANOS ANTERIORES

	<b>Ofensas</b>	2016	<b>22</b>
		2015	<b>5</b>
		2013/2014	-
		2012/2013	-
	<b>Assédio Sexual</b>	2016	<b>1</b>
		2015	-
		2013/2014	-
		2012/2013	-
	<b>Roubos e Furtos</b>	2016	<b>4</b>
		2015	-
		2013/2014	-
		2012/2013	-
	<b>Censura</b>	2016	<b>12</b>
		2015	-
		2013/2014	<b>6</b>
		2012/2013	<b>4</b>
	<b>Condenações/ Decisões judiciais</b>	2016	<b>18</b>
		2015	<b>2</b>
		2013/2014	<b>2</b>
		2012/2013	-
	<b>Detenções</b>	2016	<b>7</b>
		2015	<b>8</b>
		2013/2014	<b>11</b>
		2012/2013	-

# As Olimpíadas de 2016

Com a realização das Olimpíadas no Rio, jornalistas do mundo inteiro desembarcaram no país. Em julho, muitos profissionais já estavam na cidade, definindo detalhes para a cobertura. Facilmente identificáveis e portando equipamentos caros e chamativos, acabaram se tornando alvo de criminosos profissionais e também amadores.

Nesse período, foram registrados cinco casos de furtos, um de intimidação e uma tentativa de roubo – que só não foi concretizada porque a equipe de TV australiana abordada pelos ladrões estava acompanhada de seguranças.

Jornalistas quenianos ainda afirmaram ter sido intimidados por policiais que, mesmo depois de terem visto as credenciais de imprensa do grupo, fizeram revistas pessoais com armas em punho. “Achamos que era por causa da nossa cor de pele”, disse um deles. Os casos ocorridos durante as Olimpíadas foram contabilizados à parte, por fazerem parte de um período atípico.

**CASOS**

7

**Vítimas**

pelo menos 11\*

(\*) Houve mais de uma vítima por caso

## PERFIL DOS CASOS

	<b>Nacionalidade</b>	Quenianos	3
		Australianos	3
		Filipinos	2
		Americano	1
		Japonês	1
		Brasileiro	1
	<b>Sexo</b>	Homens	9
		Mulheres	2
	<b>Veículo</b>	TV	3
		Não identificado	3
		Agência	1
	<b>Crimes</b>	Roubos ou furtos	5
		Tentativa de roubo ou furto	1
		Intimidação	1
	<b>Autores</b>	Não identificados = 5	5
		Polícia	1
		Estrangeiros	1

# A tragédia da **Chapecoense**

Nem sempre a morte de jornalistas tem relação com o exercício da atividade profissional. 2016 ficará para sempre marcado como o ano em que um acidente aéreo interrompeu a carreira de 20 representantes de diversos órgãos de imprensa. Repórteres, cinegrafistas, produtores, narradores e comentaristas que acompanhavam a Chapecoense para o primeiro jogo da final da Copa Sul-Americana na Colômbia perderam a vida naquela que já é considerada a maior tragédia do jornalismo brasileiro.

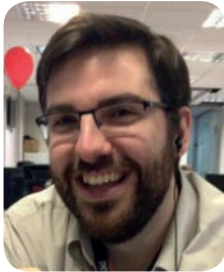
Apenas um profissional de imprensa sobreviveu à queda do avião. Rafael Henzel, da Rádio Oeste Capital, de Chapecó, foi retirado dos escombros com fraturas, mas se recupera bem. Além dele, foram resgatados com vida apenas três jogadores e dois tripulantes. Havia 72 passageiros e nove funcionários da companhia aérea a bordo.

Entre os mortos estavam seis profissionais do canal Fox Sports, três da TV Globo, cinco do grupo RBS e seis de rádios de Chapecó (SC).

Até agora as investigações mostram que o acidente, que aconteceu no dia 28 de novembro, em território colombiano, pode ter sido causado por falta de combustível – o que só torna o episódio ainda mais perturbador.

A ABERT espera que o caso seja apurado com rigor e que os eventuais culpados possam ser responsabilizados pela tragédia. Aproveita ainda para homenagear esses profissionais jovens e experientes que acreditavam no valor da informação e se dedicavam à cobertura do esporte que mais simboliza o povo brasileiro. Às famílias, que perderam pais, maridos e filhos na queda da aeronave, toda a nossa solidariedade.

# Jornalistas mortos no acidente



**André Podiacki**  
Diário Catarinense,  
RBS



**Ari de Araújo Jr.**  
TV Globo



**Bruno Mauri da Silva**  
RBS



**Devair Paschoalon**  
Fox



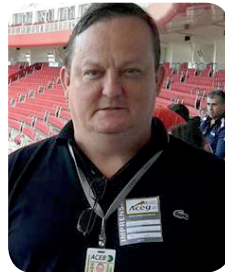
**Djalma Araújo Neto**  
RBS



**Douglas Dorneles**  
Rádio Chapecó



**Edson Ebeliny**  
Rádio Super Condá



**Fernando Schardong**  
Rádio Chapecó



**Gelson Galiotto**  
Rádio Super Condá



**Giovane Klein**  
**Victoria**  
RBS



**Guilherme Laars**  
TV Globo



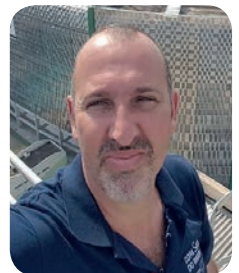
**Guilherme Marques**  
TV Globo



**Jacir Biavatti**  
Rádio Vang FM



**Laion Espíndula**  
GloboEsporte.com,  
RBS



**Lilacio Pereira Jr.**  
Fox



**Mário Sérgio**  
Fox



**Paulo Clement**  
Fox



**Renan Agnolin**  
Rádio Oeste  
Capital e RIC TV



**Rodrigo Santana Gonçalves**  
Fox



**Victorino Chermont**  
Fox

# Artigo **RSF**

## Violência contra comunicadores persiste como ameaça à liberdade de expressão no país

O número de casos de violência contra jornalistas no Brasil vem aumentando nos últimos anos. Entre 2012 e 2016, ao menos 21 comunicadores foram assassinados no país por motivos diretamente ligados com o seu exercício profissional. Se consideramos apenas esse período, o Brasil é atualmente o segundo país das Américas onde mais se mata jornalistas, atrás apenas do México. Na maioria dos casos, as vítimas são radialistas, blogueiros ou diretores de jornais locais, que atuam em cidades do interior, fora das grandes capitais, e que abordam temas particularmente sensíveis, como casos de corrupção e a atuação de grupos criminosos.

Além dos assassinatos, os jornalistas são alvos cada vez mais recorrentes de agressões, em particular durante a cobertura de protestos. Entre junho de 2013 e o final do ano passado, foram mais de 300 casos registrados – entre balas de borracha, spray de pimenta, bombas de gás, golpes de cassetete, destruição de equipamentos e ataques verbais. Na grande maioria das situações, os próprios

agentes de segurança pública são os responsáveis por essas agressões.

É importante lembrar que toda violência contra um comunicador representa não somente um ataque direto à integridade da pessoa, mas também uma afronta à liberdade de expressão da sociedade como um todo. O Estado tem a obrigação de prevenir e investigar essas ocorrências, sancionar seus autores e assegurar reparação adequada às vítimas.

A ampliação do mecanismo nacional de proteção de defensores de direitos humanos para que integre também comunicadores em situação de risco, ou ainda a criação de um observatório público da violência contra os jornalistas, são algumas das medidas que vêm sendo defendidas pela Repórteres Sem Fronteiras para a reversão desse quadro.

### **Emmanuel Colombié**

Diretor Regional para a América Latina da Repórteres Sem Fronteira



# Artigo UNESCO

## A violência contra os jornalistas afeta toda a sociedade

A liberdade de imprensa é a força vital da democracia. Evidências inquietantes, mostram, em todo o mundo, o crescente número de ataques contra jornalistas, seja por violência física, seja por meio de ameaças, processos judiciais, prisões e ausência de investigação e punição de crimes cometidos contra os profissionais da mídia. Diante disso, para resguardar a própria vida, muitas vezes a única opção do jornalista é praticar a autocensura. Fato que afeta toda a sociedade, pois sem a liberdade de imprensa, é impossível haver uma cidadania informada, ativa e engajada, além de ferir o direito fundamental à liberdade de expressão, assegurado pelo Artigo 19 da Declaração dos Direitos Humanos.

A UNESCO está à frente de esforços internacionais para combater a violência contra os jornalistas e a impunidade dos agressores. Por meio do Plano de Ação das Nações Unidas sobre a Segurança dos Jornalistas e a Questão da Impunidade, a UNESCO colabora com outras agências da ONU, governos, mídia e ONGs para

ajudar os países a elaborarem legislação específica para proteger jornalistas. A Organização também produz manuais práticos sobre o tema, acompanha os processos judiciais de casos de violência contra jornalistas e, por meio de relatórios, faz alertas sobre as estatísticas.

No Brasil, nos últimos três anos, o número de assassinatos de jornalistas também vem crescendo. A promoção da segurança dos jornalistas e o combate à impunidade requerem mecanismos de prevenção. A UNESCO está à disposição das instâncias nacionais responsáveis para cooperar no avanço de políticas públicas sobre o tema.

**Lucien Muñoz**  
Representante da UNESCO no Brasil



8-0.28m/0.92ft Ø52



CASOS DE  
**VIOLÊNCIA**

## CASOS DE VIOLÊNCIA

2016



## AGRESSÕES FÍSICAS

**5 de janeiro** – Os jornalistas **Jean Raupp**, **Eduardo Gonzales** e **Thiago Guerreiro**, da TV Globo, foram ameaçados e agredidos por taxistas que protestavam contra a regularização do serviço de transporte pelo aplicativo Uber, em São Paulo (SP). Os manifestantes também danificaram o equipamento e esvaziaram os pneus do carro de reportagem.

**11 de janeiro** – O repórter **Rosinaldo Guedes** e o cinegrafista **Joás Ferreira**, da Rede TV! em Rondônia, foram agredidos com pedradas e socos durante cobertura de uma rebelião na Colônia Agrícola Penal Ênio Pinheiro. O carro da emissora também foi apedrejado.

**12 de janeiro** – **Márcio Mercante**, repórter fotográfico do jornal O Dia, foi empurrado de uma altura de 4 metros por jovens que estavam na Pedra do Arpoador, na Zona Sul do Rio de Janeiro (RJ). Mercante fotografava a praia quando foi ameaçado pelos jovens, que carregavam bebida alcoólica. Com a queda, o profissional teve os dois pulsos fraturados e várias luxações pelo corpo.

**12 de janeiro** – Repórteres e fotógrafos foram agredidos pela Polícia Militar durante ação contra manifestantes concentrados na Av. Paulista, em São Paulo (SP). Imagens registradas por câmeras de celulares e equipes de televisão mostram que, mesmo

identificados, os jornalistas foram alvo de golpes de cassetete, empurrões e bombas de efeito moral. Entre os agredidos estavam **Fernanda Azevedo**, da TV Gazeta; **Pedro Belo**, da equipe de vídeo da Veja São Paulo; **Márcio Neves**, videorepórter do UOL; **Alice Vergueiro**, fotógrafa da Folhapress; **Francisco Toledo**, fotógrafo da agência Democratize; **Camila Salmazio**, repórter da Rede Brasil Atual; **Felipe Laroza**, fotógrafo da VICE; **Raul Dória**, fotógrafo freelancer; **Alex Falcão**, fotógrafo da Futurapress; **Caio Cestari**, fotógrafo autônomo.

**14 de janeiro** – Durante as manifestações do Movimento Passe Livre (MPL) contra o aumento da tarifa do transporte, em São Paulo (SP), a repórter da CBN **Cinthia Gomes** foi atingida por uma bala de borracha. Já o produtor da TV Record **Edrien Esteves** foi agredido quando tentava registrar a prisão de manifestantes. O diretor da Trip TV, **Diógenes Muniz**, também foi agredido por policiais com chutes e golpes de cassetete.

**21 de janeiro** – Jornalistas de vários veículos foram agredidos durante dispersão de manifestantes na Praça da República (SP) após cerco policial a um protesto. O repórter fotográfico da Folha de S.Paulo **Avener Prado** foi ferido com uma bala de borracha e o cinegrafista da TV Drone **Juliano Vieira**, por estilhaços de uma bomba. Já a repórter fotográfica do jornal O Estado de São Paulo **Gabriela Biló** foi agredida com golpes de cassetete e atingida por jatos de spray de pimenta no rosto. Também o repórter fotográfico da agência Brazil Photo Press, **Warley Leite**, foi atingido por spray de pimenta no rosto.

**26 de janeiro** – Em Porto Alegre (RS), os jornalistas **Eduardo Paganella**, da Rádio Guaíba; **Luciena Kohlmann**, do SBT; **Luiz Sérgio Dibe**, do Correio do Povo; **Marcus Meneghetti**, do Jornal do Comércio; **Marcus Pena**, da TV Record, e **Paulo Germano**, do Zero Hora, foram agredidos e hostilizados

por simpatizantes do deputado Jair Bolsonaro (PP/RJ), que esteve na capital gaúcha para ministrar uma palestra.

**29 de janeiro** – O fotógrafo **Nando Matheus**, da agência Raw Images, foi atacado por taxistas na saída de uma festa na zona Sul de São Paulo (SP). Os motoristas bloquearam a avenida Brigadeiro Luiz Antônio em protesto contra a presença de carros do aplicativo Uber e começaram a depredar veículos pretos indiscriminadamente. Ao notar que Nando Matheus registrava a cena, os taxistas perseguiram o fotógrafo e tentaram obrigá-lo a apagar as imagens. O profissional caiu no chão, teve o equipamento parcialmente danificado, mas conseguiu salvar as fotografias.

**17 de fevereiro** – O jornalista da Rádio Líder **Angelo Junior Radavelli** foi agredido com socos e chutes pelo vereador licenciado Tomaz Alberto Conrado (PMDB), conhecido como Tomate, dentro das dependências da Câmara de Vereadores de Herval d'Oeste (SC). A agressão ocorreu após a publicação de reportagem que questionava a nomeação do vereador para a Secretaria de Habitação em meio a um processo de contenção de despesas anunciado pelo prefeito da cidade.

**23 de fevereiro** – O repórter fotográfico **Daniel Castelo Branco**, do jornal O Dia, foi agredido com socos enquanto acompanhava o enterro de um jovem. O rapaz foi morto em uma operação de repressão ao tráfico de drogas no Complexo da Maré, zona norte do Rio de Janeiro (RJ). A família da vítima não queria que a imprensa acompanhasse o enterro. O fotógrafo teve ferimentos no rosto.

**4 de março** – O repórter cinematográfico **Francisco Leandro da Silva Paulo**, que trabalha em uma produtora de vídeo prestadora de serviços para a TV Verdes Mares, foi atingido por garrafas de água mineral arremessadas por manifestantes. O profissional registrava imagens de um protesto em Fortaleza (CE) contra a condução coercitiva do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva para um depoimento à Polícia Federal.

**4 de março** – Os repórteres **Renato Biazzi** e **David Irikura** foram empurrados por manifestantes que estavam no Aeroporto de Congonhas (SP), durante depoimento do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva à Polícia Federal. Os manifestantes também arrancaram e quebraram a câmera da repórter da TV Globo **Mayara Teixeira**.

**4 de março** – O repórter **Juliano Dip** e o repórter cinematográfico **Gabriel Shinjimax**, da Band, foram empurrados por manifestantes que estavam em frente ao prédio onde mora o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em São Bernardo do Campo (SP). A equipe esperava a saída do petista, que seria conduzido coercitivamente para prestar depoimento à Polícia Federal no Aeroporto de Congonhas. A câmera de Shinjimax foi quebrada pelos manifestantes.

**8 de março** – A equipe do repórter **Fábio Menegatti**, da Rede Record, foi agredida durante apuração de reportagem sobre golpe aplicado por donos de uma loja de carros de luxo em São Paulo (SP). Os consumidores vendiam os veículos para a loja e recebiam cheques sem fundo como pagamento. A equipe registrou o momento em que um dos sócios bateu no câmera.

**24 de março** – O jornalista **Rodrigo Santos** foi agredido durante um programa de televisão ao vivo, na Praça Ary Coelho, no centro de Campo Grande (MS). Um homem interrompeu a transmissão, xingando o jornalista. Com uma bengala, ele ainda atingiu o braço de Santos.

**7 de abril** – O repórter **Mateus Mitterer**, da Rádio Líder de Herval d'Oeste, em Santa Catarina, teve o gravador quebrado pelo vereador licenciado e secretário de Habitação, Tomaz Alberto Conrado (PMDB). O jornalista estava no Paço Municipal para entrevistar algumas autoridades quando foi abordado pelo secretário, que reclamava de reportagens feitas sobre ele. Ao tentar registrar as ofensas, Mitterer teve o gravador arrancado de suas mãos e jogado no chão. Essa foi a segunda vez, em menos de um mês, que o secretário agrediu um profissional de imprensa.

**14 de abril** – A jornalista da TV Correio/SBT Marabá **Jhenefer Duarte** sofreu escoriações após ser atingida por um explosivo durante protesto contra a extinção do sétimo horário nas escolas. Estudantes e educadores da rede estadual participaram da manifestação em Marabá (PA).

**24 de abril** - O repórter fotográfico **Rivaldo Gomes**, do jornal Agora, que pertence ao Grupo Folha, foi agredido enquanto registrava o movimento na praia do Boqueirão, em Santos (SP). Gomes foi brutalmente atacado por um grupo de 10 pessoas após o dono de um estabelecimento próximo ao local em que estava o profissional acreditar que ele tirava fotos de sua mulher. Ao se negar a apagar as fotos, o fotógrafo recebeu chutes e socos. Gomes sofreu lesões na perna e no braço, além de ter uma prótese dentária quebrada e dentes fraturados. As agressões tiveram fim quando o grupo tomou a câmera fotográfica de Gomes. A Polícia Militar recuperou o equipamento.

**27 de abril** – O repórter **Wilares Sousa** e o repórter cinematográfico **Arielton Feitosa**, TV RBA/Santarém (PA), foram agredidos pelo responsável por uma embarcação onde um funcionário morreu. Além das agressões, a câmera da equipe foi quebrada e arremessada no rio Tapajós.

**28 de abril** - A jornalista da rádio CBN **Annie Zanetti** foi agredida por um policial militar enquanto filmava com o celular um protesto de estudantes no centro de São Paulo (SP). A repórter cobria a manifestação contra a máfia da merenda e o corte de recursos para a educação quando um PM lançou jatos de spray de pimenta. Zanetti foi atingida na orelha, pescoço e rosto. Ela estava identificada com um crachá de imprensa e seu celular tinha a logomarca da emissora.

**1º de maio** – Uma equipe de reportagem da RBS TV, afiliada da Rede Globo em Porto Alegre (RS), foi agredida durante cobertura das manifestações de 1º de maio. A repórter **Guacira Merlin** fazia uma gravação sobre o protesto, promovido por sindicatos ligados à Central Única dos Trabalhadores (CUT) em favor da então presidente Dilma Rousseff, quando um homem se aproximou da equipe e chutou o apoio da câmera, danificando o equipamento. O agressor não foi identificado.

**5 de maio** - **Clenildo Amaral**, jornalista da TV Ponta Negra, afiliada do SBT em Santarém (PA), levou uma cusparada de um preso durante entrevista para o programa policial Rota. Amaral revidou a agressão com um murro no rosto do preso. Em seguida, o detento foi levado pelos policiais.

**5 de maio** - O jornalista **Mauro Donato**, do portal Diário do Centro do Mundo (DCM), foi agredido pela Polícia Militar enquanto fazia a cobertura da reintegração de posse do Centro Paula Souza, em São Paulo (SP). Donato sofreu um corte profundo no supercílio após levar golpes de cassetete. Ele contou ter sido atacado de repente.

**10 de maio** - Os repórteres **André Falcão**, da TV Gazeta, **Geilson Ferreira**, da TV Tribuna, e **Suelen Araújo**, da TV Vitória, foram agredidos durante cobertura de um protesto a favor da então presidente Dilma Rousseff, em Vitória (ES). Além de ameaças com bombas de gás lacrimogêneo, as equipes foram atingidas com chutes e socos dados por manifestantes.

**11 de maio** – A repórter fotográfica da Revista Az Mina **Paula Froes** foi atacada por um policial militar em Brasília (DF), durante protesto a favor da então presidente Dilma Rousseff. Ela fotografava a reação da PM contra um grupo de três mil mulheres contrárias ao impeachment, quando, mesmo identificada como profissional de imprensa, foi atingida no rosto por um jato de spray disparado por um policial.

**12 de maio** - A produtora da TV Globo **Roniera Castilho** foi agredida por manifestantes durante a cobertura do pronunciamento da então presidente Dilma Rousseff, no Palácio do Planalto, em Brasília (DF). Sob a orientação da equipe do Planalto, Castilho e a repórter Zileide Silva se dirigiam para a área externa para acompanhar o discurso. O local estava cercado por militantes que passaram a hostilizar as duas jornalistas.

**12 de maio** - O repórter **Marcelo Cosme** e o cinegrafista **Wesley Araruna**, ambos da GloboNews, sofreram agressões durante a cobertura do afastamento e despedida da presidente Dilma Rousseff, no Palácio do Planalto. Os jornalistas foram empurrados por seguranças da presidente afastada. Araruna chegou a ser derrubado no chão. A equipe da TV Globo também foi hostilizada por manifestantes contrários ao impeachment.

**15 de maio** – O repórter **Odilon Amaral**, o repórter cinematográfico **Henrique Stênio** e o auxiliar-técnico **Alexandre Luís da Silva**, da TV Globo, foram agredidos por manifestantes durante protesto contra o governo interino de Michel Temer, no centro de Belo Horizonte (MG). Além de sofrer agressões, a equipe foi expulsa do local.

**19 de maio** – A jornalista **Gabriela Biló**, do jornal O Estado de S.Paulo, e dois fotógrafos foram agredidos por policiais militares enquanto faziam reportagem sobre uma manifestação de estudantes no centro da cidade de São Paulo (SP).

**2 de junho** - O repórter **Hermínio Bernardo**, da CBN, e **uma equipe da TV Globo** foram hostilizados por manifestantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) durante protesto contra a suspensão de contratos do programa Minha Casa Minha Vida em frente ao escritório da Presidência da República, em São Paulo (SP). Além de xingar os jornalistas, um dos manifestantes agrediu Bernardo com um soco na orelha. Na mesma manifestação, **um repórter** dos Jornalistas Livres também foi agredido com um cassetete por policiais.

**9 de junho** – A jornalista **Martha Raquel Rodrigues**, dos Jornalistas Livres, foi agredida por cinco mulheres do Movimento Brasil Livre com um cabo de vassoura, durante manifestações em São Paulo (SP). Ela vestia uma camiseta vermelha no momento do ataque.

**15 de junho** – **Uma equipe** da Rádio 730 e a repórter da Rádio CBN **Rafaela Carvelo** foram empurradas e hostilizadas durante protesto por segurança no campus da Universidade Federal de Goiás, em Goiânia (GO). A repórter **Mônica Novaes** e seu **cinematógrafo**, ambos da TV Record, também foram ameaçados e tiveram os equipamentos tomados por manifestantes.

**5 de julho** – Quatro fotojornalistas foram agredidos por seguranças do Metrô ao registrarem um tumulto ocorrido na estação Uruguaiana, no Rio de Janeiro (RJ). Os profissionais fotografavam a repressão aos jovens que pulavam as catracas do metrô voltando de uma manifestação contra as Olimpíadas, quando foram atacados. **Matias Maxx**, da VICE, **Roger McNaught**, da Tribuna da Imprensa Sindical e **Ellan Lustosa**, freelancer, foram estrangulados com “gravatas” e detidos. Os três foram liberados só de madrugada. **Katja Schilirò**, também freelancer, teve a lente da câmera danificada. As agressões foram registradas em vídeo.

**12 de julho** – Uma equipe da Rede Amazônica de Macapá (AP) foi impedida por um funcionário da Companhia de Água e Esgoto do Amapá (Caesa) de trabalhar. O cinegrafista **Rômulo Cantanhede** gravava uma reportagem sobre falta de água no conjunto habitacional Macapaba, na Zona Norte de Macapá, quando ele e a repórter **Ruane Lima** foram surpreendidos por um homem. Identificado como Ednelson Lima de Amorim, o funcionário empurrou Cantanhede, puxou a câmera, exigiu a saída da equipe do local e ainda tirou a chave do carro de reportagem. As ameaças, feitas aos gritos, foram gravadas por Cantanhede pouco antes de a câmera ter sido danificada.

**16 de julho** – O jornalista e ex-presidente da Fundação Biblioteca Nacional **Galeno Amorim** foi agredido pelo coordenador do 51º Batalhão de Polícia Militar do Interior (BPMI), major Paulo Sérgio Fabbris, durante uma desocupação de terra. Amorim cobria a operação em Ribeirão Preto (SP) quando, ao se aproximar de alguns manifestantes, foi barrado pelos policiais militares. Em seguida, o profissional teve o braço torcido, foi algemado, colocado à força dentro da viatura e levado para a delegacia. Em nota, a PM informou que o jornalista invadiu a área de segurança e foi contido pelos agentes com “força moderada”.

**2 de agosto** – O repórter da Rádio Cidade 94,5 e assessor de Imprensa da Câmara Municipal de Janaúba (MG), **Benjamin de Oliveira Júnior**, foi agredido com socos e tapas pelo advogado Alex Otaviano Gatinho, que move processo contra Oliveira Júnior e outros jornalistas da cidade. As agressões aconteceram dentro da Câmara Municipal.

**5 de agosto** – A repórter **Daniella Laso**, da Rádio CBN, foi agredida por policiais durante operação na Cracolândia, em São Paulo. De dentro do carro da emissora, ela registrava a reação da PM contra moradores de rua que haviam atirado pedras no batalhão. Os policiais revidavam com bombas de gás lacrimogêneo quando, ao perceberem que estavam sendo filmados,



foram até o carro de reportagem. Em seguida, puxaram de forma truculenta o motorista para fora do veículo, arrancaram o celular da mão da repórter e apagaram as gravações. Os policiais ainda revistaram a bolsa da jornalista, o veículo e a mochila do motorista. Os dois profissionais foram detidos por mais de meia hora e ameaçados de serem levados, algemados, para a delegacia. A equipe estava identificada com o crachá da CBN. O motorista ainda vestia camiseta com a logo da emissora.

**10 de agosto** – O repórter **Beto Garcia**, da Rádio Saudades FM, de Matão (SP), foi agredido enquanto tentava registrar um acidente de trânsito. Herbert Jardim, filho da vítima, chegou ao local de forma truculenta e, aos gritos, xingou as pessoas que prestavam socorro a seu pai. Ao perceber a presença do repórter, Jardim atacou o profissional com golpes de enforcamento e exigiu que o vídeo fosse apagado. O agressor ainda tentou jogar o jornalista no rio São Lourenço.

**29 de agosto** – **Uma repórter** do jornal Brasil de Fato foi atingida no rosto por um jato de spray de pimenta lançado por um policial. Ela cobria um protesto contra o impeachment da então presidente Dilma Rousseff, na Avenida Paulista, em São Paulo (SP).

**30 de agosto** – A repórter do coletivo Jornalistas Livres **Kátia Passos** foi atingida por estilhaços de bomba de efeito moral disparada por policiais militares. A profissional participava da cobertura de uma manifestação contra o impeachment da então presidente Dilma Rousseff, em São Paulo.

**31 de agosto** – Os fotógrafos **Vinícius Gomes** e **Willian Oliveira** foram atacados pela Polícia Militar de São Paulo durante protesto contra o impeachment da então presidente Dilma Rousseff. As agressões aconteceram no momento em que os dois registravam um acidente sofrido pelos policiais. Gomes levou quatro pontos

na cabeça, e sua câmera foi totalmente destruída por chutes. Os cartões de memória dos equipamentos dos dois fotógrafos também foram apagados. Ambos foram detidos por algumas horas e liberados sem boletim de ocorrência.

**31 de agosto** – O repórter **Luiz Fara Monteiro**, da TV Record, foi agredido com socos nas costas por manifestantes contrários ao impeachment da então presidente Dilma Rousseff, no Palácio da Alvorada, em Brasília (DF). Aos gritos de “fora golpistas”, os manifestantes ainda jogaram terra no jornalista, que ainda foi atingido no peito por uma pedra. Com uma revista na mão, uma militante da CUT bateu no rosto de Monteiro diversas vezes.

**31 de agosto** – **Uma equipe de reportagem** da TV Cidade foi agredida por populares que não queriam o registro de um homicídio no Bairro Timbó, em Maracanaú (CE). O cinegrafista teve a roupa rasgada e o equipamento danificado. Na mesma cobertura, uma equipe da TV Diário foi hostilizada e teve que deixar o local antes de ser agredida.

**4 de setembro** – O repórter da BBC Brasil **Felipe Souza** foi atingido por vários golpes de cassetete desferidos por PMs durante manifestação contra o governo de Michel Temer, na Zona Oeste de São Paulo (SP). O jornalista estava identificado com colete e crachá da imprensa, mas, ainda assim, foi vítima de pelo menos quatro policiais militares. Felipe também teve o celular danificado enquanto fazia as gravações.

**5 de setembro** – O jornalista **Jorge Natal**, da Folha do Acre, foi agredido pelo presidente do PT em Porto Walter (AC), Luís Carlos Ferreira da Silva. O fato ocorreu enquanto Natal fazia uma reportagem sobre cinco funcionários “fantasmas” – um deles, o próprio agressor. A PM foi acionada e o petista fugiu em uma motocicleta.

**7 de setembro** – Quatro jornalistas foram agredidos por policiais militares durante manifestação contra o governo Michel Temer, em Fortaleza (CE). O jornalista **Gabriel Gonçalves**, do Coletivo Nigéria, foi atingido com um tiro de bala de borracha na perna. O repórter fotográfico **Matheus Dantas**, do jornal O Povo, teve uma arma apontada para a cabeça por um policial militar que ainda ameaçou disparar caso ele fotografasse a prisão de um manifestante. **Yargo Gurjão**, do Nigéria, foi alvo de spray de pimenta e balas de borracha. Já **Bruno Xavier**, também do Nigéria, sofreu uma tentativa de atropelamento por um PM.

**7 de setembro** – Os repórteres do portal UOL **Leandro Prazeres** e **Kleyton Amorim** foram agredidos enquanto cobriam manifestações durante o feriado do Dia da Independência, em Brasília (DF). Eles foram atacados por membros de um grupo que protestava contra o governo Michel Temer. Prazeres foi empurrado e atingido no rosto por uma garrafa. Já Amorim foi agredido com chutes por manifestantes que tentaram pegar sua câmera fotográfica, mas não conseguiram.

**14 de setembro** – O cinegrafista **Amós Alexandre**, da GloboNews, recebeu um soco de um PM, caiu, e, ao se levantar, foi empurrado novamente pelo mesmo policial. O profissional foi então pisoteado por manifestantes. Alexandre participava da cobertura da CPI da Máfia das Merendas, na Assembleia Legislativa de São Paulo (SP).

**18 de setembro** - O repórter fotográfico **André Lucas Almeida**, do coletivo CHOC Documental, foi agredido por um soldado da polícia militar enquanto cobria o protesto contra o presidente Michel Temer, na Avenida Paulista, em São Paulo. O ataque ocorreu depois que o profissional tentou registrar a agressão a uma vendedora ambulante.

**12 de outubro** – O repórter **Sandro Silva**, do jornal Diarinho, de Navegantes (SC), foi atingido por uma bala de borracha disparada

por um policial militar. Ele fazia uma reportagem sobre o assassinato de quatro pessoas no bairro Meia Praia. Identificado com o crachá de imprensa, Silva registrava o momento em que a Polícia Militar tentou conter o pai de uma das vítimas, que ultrapassou o cordão de isolamento do local do crime, quando foi atacado.

**19 de outubro** – A repórter do jornal O Globo **Tatiana Farah** foi atingida por duas balas de borracha disparadas por um policial do choque durante protesto contra a utilização de animais em testes farmacológicos, em São Roque (SP). A jornalista estava identificada como profissional de imprensa, mas, ainda assim, foi atacada. Uma bala passou de raspão pelo couro cabeludo da repórter e a outra causou ferimentos nas costelas.

**21 de outubro** – Os repórteres fotográficos **Marlene Bérghamo**, do jornal Folha de S. Paulo, e **Nelson Antoine**, das agências Fotoarena e AP, foram agredidos por policiais durante protestos contra o leilão do pré-sal e pela educação, na Praça da República, em São Paulo (SP). Antoine recebeu golpes de cassetete e Bérghamo teve o equipamento danificado.

**25 de outubro** - O repórter **Fábio Linhares**, o cinegrafista **Luciney Araújo** e dois **operadores técnicos** da TV Gazeta, afiliada da TV Globo em Vitória (ES), foram agredidos por um grupo de 30 pessoas com pedaços de pau e pedras. Os profissionais foram obrigados a deixar o local e buscar proteção em uma loja da região. A equipe de reportagem estava no bairro Itararé, onde acontecia um confronto entre traficantes e policiais militares. O conflito começou depois da morte de um adolescente de 17 anos que levou um tiro de policiais.

**2 de novembro** – A repórter fotográfica do jornal Folha de S. Paulo **Marlene Bérghamo** foi ferida no abdômen por uma bala de borracha disparada por um policial durante desocupação de um imóvel no Centro de São Paulo (SP). Antes de começar

a cobertura jornalística, Bérghamo se identificou como profissional da imprensa e, mesmo com os braços levantados, foi atingida pelo disparo, feito a curta distância.

**11 de novembro** – Um **repórter cinematográfico** da TV Globo foi cercado e agredido com chutes nas costas por torcedores do Vasco. O profissional estava do lado de fora do estádio São Januário, na Zona Norte do Rio de Janeiro (RJ), à espera do fim do treino. Ao saírem de uma reunião com a diretoria do Vasco, os torcedores xingaram e intimidaram os profissionais que estavam no local.

**16 de novembro** – O jornalista **Guilherme Ramalho**, de O Globo, o repórter **Caco Barcellos** e o cinegrafista **Felipe Saleh**, ambos da TV Globo, foram agredidos por manifestantes enquanto cobriam um protesto de servidores públicos em frente à Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Guilherme Ramalho foi atacado com pontapés quando manifestantes identificaram um adesivo do jornal em seu telefone celular. Ele conseguiu correr, mas foi atingido com socos e perdeu os óculos. Caco Barcellos e Felipe Saleh foram hostilizados e atingidos por objetos arremessados contra eles. Barcellos também levou chutes e somente conseguiu se livrar das agressões com a ajuda de policiais militares. Na mesma manifestação, o repórter **Gustavo Maia**, do portal de notícias UOL, teve o celular arrancado da mão enquanto gravava. Um **repórter fotográfico** do jornal O Dia também foi agredido.

**17 de novembro** – Os repórteres **Paulo Renato Soares**, da TV Globo e **Gabriela Ferreira**, da GloboNews, foram atingidos por spray de pimenta usado por policiais federais enquanto cobriam a prisão do ex-governador do Rio de Janeiro Sérgio Cabral.

**25 de novembro** – O repórter cinematográfico da TVE **Alexandre Schiffner** foi atingido por uma bomba arremessada pela Brigada Militar de Porto Alegre (RS), durante manifestação contra o governo Temer.

**29 de novembro** - O repórter da Revista Época **Nonato Viegas** foi agredido por manifestantes e teve o celular roubado durante a cobertura de protestos em Brasília (DF). O jornalista foi empurrado e expulso do local. Segundo Viegas, os ataques começaram após os manifestantes descobrirem que ele trabalhava na revista.

**29 de novembro** - Os jornalistas **Alceu Castilho** e **André Takahashi**, do portal De Olho nos Ruralistas, foram agredidos e expulsos de uma reunião da Frente Parlamentar da Agropecuária, em Brasília (DF). Os profissionais foram retirados à força por seguranças que ainda tentaram quebrar o equipamento de reportagem.

**30 de novembro** – O cinegrafista da afiliada da Rede TV! em Rondônia **Raymundo Brito** foi assaltado e esfaqueado no braço, durante reportagem em uma escola de Porto Velho (RO).

**30 de novembro** - O repórter cinematográfico **Edson Falcão**, da Rede TV! de Porto Velho (RO), foi agredido com um soco no rosto durante seminário na Biblioteca Francisco Meireles. O agressor, um homem que não queria ser filmado, deixou o local sem ser identificado. Falcão ainda foi expulso da biblioteca enquanto fazia imagens do evento.

**30 de novembro** – O repórter **Heraldo Almeida**, da rádio Diário FM de Macapá (AP), foi agredido pelo deputado Moisés Souza e seu advogado ao acompanhar o exame de corpo de delito do parlamentar, logo após sua prisão. Souza tentou tirar o celular do jornalista e também o empurrou. O advogado agrediu o profissional com um soco nas costas.

**7 de dezembro** – **Ronaldo Júnior**, repórter cinematográfico da TV Equinócio, afiliada da TV Record em Macapá (AP), foi agredido pelo advogado Marlon Nery da Costa quando tentava registrar imagens de dois militares do Exército que haviam sido presos, acusados de participação em um assalto à casa de um juiz. Ao tentar impedir as imagens, Costa investiu contra o cinegrafista, atingindo-o nas pernas e pescoço.

**12 de dezembro** – **Julio Ribeiro**, comentarista esportivo e editor da Revista Press, foi agredido com um soco pelo ex-presidente do Internacional Fernando Miranda durante um programa ao vivo da Ulbra TV, em Canoas (RS). Miranda se irritou após ser questionado sobre o rebaixamento do time para a segunda divisão do Brasileirão.

**19 de dezembro** – O repórter da Rádio Gaúcha **Daniel Fraga** foi ferido durante protesto em frente à Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Após entrar ao vivo para noticiar o confronto entre manifestantes e a PM, foi atingido na cabeça por uma pedra.

**27 de dezembro** – O jornalista **Marcos Couto** foi agredido com um soco no abdômen ao tentar impedir que uma mulher derrubasse a câmera do repórter cinematográfico Miro Ribeiro, ambos da TV Atalaia, afiliada da Rede Record em Aracaju (SE). A equipe apurava a demora no socorro a uma pessoa que havia sido assassinada na Zona Norte da cidade quando a mulher se disse incomodada com a luz do equipamento. Ao tentar se proteger das agressões, Couto chegou a solicitar ajuda ao sargento J. Soares, que acompanhava a entrevista, mas o militar ignorou o pedido.



## AMEAÇAS

**22 de janeiro** – A jornalista **Aline Thaís Dessbesell**, da Rádio Centro América, de Sorriso (MT), foi agredida verbalmente e ameaçada de morte por Fernanda Poleta Caixeta. Aline reproduziu notícia veiculada no portal do Poder Judiciário do Mato Grosso sobre a condenação de Caixeta por dano ao erário depois da utilização de máquinas públicas para a limpeza de um terreno de sua propriedade. Na mesma ação, dois funcionários públicos foram condenados por improbidade administrativa e dano ao erário. A jornalista foi xingada de “vagabunda” e ameaçada de morte. Fernanda deixou a sede da emissora após a chegada da Polícia Militar.

**3 de fevereiro** – O repórter da Folha **Leandro Machado** foi ameaçado por policiais ferroviários que trabalham para a CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos). Machado presenciou dois policiais arrastando à força um homem para dentro de uma sala da estação Itaquera, Zona Leste de São Paulo (SP). Os policiais diziam que o rapaz havia roubado um passageiro. Depois mudaram a versão e relataram que o homem era um ambulante. Machado apresentou o crachá do jornal e perguntou sobre o motivo da detenção e a causa dos gritos do rapaz. Os policiais, fardados, armados e sem identificação, obrigaram o repórter a entrar em uma sala da estação. Os dois ainda ameaçaram agredir Machado e disseram que, se fossem fotografados, iriam processar o repórter e levá-lo à delegacia.

**9 de março** – A repórter **Patricia Sonsin** e o repórter cinematográfico **Davi Ferreira**, da TV Tarobá, foram feitos reféns por membros do Movimento dos Sem Terra (MST) que ocuparam uma propriedade rural em Quedas do Iguaçu, no Paraná. A equipe se aproximava da área para coletar imagens quando cerca de 50 pessoas, armadas com escopetas, facões e pedras, ameaçaram quebrar os equipamentos de gravação e os celulares. A equipe foi obrigada a

seguir os integrantes do MST até uma espécie de acampamento, onde receberam novas ameaças de agressão física.

**21 de março** – O repórter fotográfico do jornal Diário do Pará **Ney Marcondes** foi ameaçado de processo pela vereadora Meg Barros (PRP), durante sessão da Câmara de Vereadores de Belém (PA). A parlamentar exigiu que uma foto feita por ele fosse apagada.

**22 de março** – O jornalista **Alex Bezerra**, do portal Tribuna de Betim, foi ameaçado pelo vereador José Afonso Oliveira (Pãozinho) enquanto caminhava no bairro Vianópolis, em Betim (MG). Além de xingar o jornalista, o vereador disse que estava sendo obrigado “a fazer uma besteira”. A ameaça aconteceu depois da publicação de reportagens com denúncias de irregularidades cometidas pelo vereador. O jornalista ainda divulgou que Oliveira havia sido preso por dirigir um veículo alugado pela Câmara Municipal enquanto estava alcoolizado. No trajeto, ele teria atropelado um trabalhador e fugido sem prestar socorro. A vítima morreu.

**24 de março** – O jornalista **Diego Escosteguy**, editor-chefe da revista Época, foi ameaçado pelo Twitter após criticar decisão do ministro do Supremo Tribunal Federal Teori Zavascki de que a investigação contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva na Operação Lava Jato deve ser enviada ao STF. “Ele merece acordar cheio de formiga na boca”, publicou um dos internautas. “Cuidado, inconsequente, você fica disseminando o ódio, pode acabar experimentando do próprio veneno”, comentou outro.

**24 de março** – O chargista **Ivan Cabral**, do Novo Jornal, do Rio Grande do Norte, foi hostilizado e ameaçado de morte pelo Twitter após ter uma de suas charges adulterada e compartilhada nas redes sociais. No trabalho original, intitulado “Como acabar com um protesto de

coxinhas”, Cabral mostrava defensores do impeachment da então presidente Dilma Rousseff correndo depois que um livro de história foi jogado neles. Os manifestantes vestiam camisetas verdes e amarelas. O auxiliar administrativo Diego Costa, do Rio de Janeiro, se responsabilizou pela adulteração. “Baixei a foto, abri no photoshop, troquei o amarelo por vermelho e substituí o livro de história pela carteira de trabalho. Mas só pra sacanear resolvi deixar a assinatura dele!”, postou no Facebook.

**13 de abril** – O editor do blog DeAmazonia, **Jonas Santos de Souza**, foi ameaçado por Valber Silva, segurança do prefeito Nenê Machado, de Nhamundá (AM), após postar matérias sobre supostas irregularidades na gestão municipal. Nas ameaças feitas por rede social, Silva afirma não ter medo de polícia nem da ONU.

**25 de abril** – O repórter da revista Carta Capital **Henrique Beirangê** foi ameaçado por e-mail pelo advogado Rogério Palermo. As intimidações começaram após a publicação de reportagem sobre a abertura de mais de 20 empresas em nome de familiares do deputado estadual Fernando Capez (PSDB), cunhado de Palermo. O repórter chegou a receber uma mensagem do advogado por celular. No texto, Palermo dizia que precisava falar com o repórter e que trabalhava perto de sua residência. A mensagem foi concluída com o número do prédio e do apartamento onde o jornalista mora, em São Paulo.

**26 de abril** – Em São Paulo (SP), **Leonardo Sakamoto**, editor do portal Repórter Brasil, foi ameaçado de morte pela internet. Especializado no combate ao trabalho escravo, Sakamoto recebeu as ameaças após a publicação de uma entrevista falsa pelo jornal mineiro Edição do Brasil. O texto inventado afirmava que o jornalista havia dito que os aposentados são “inúteis à sociedade”.

**31 de abril** – O correspondente em Niquelândia (GO) do jornal Diário do

Norte, **Euclides de Oliveira**, foi ameaçado de morte pelo vereador Weder Dias de Oliveira, conhecido como Denguinho. A ameaça aconteceu após publicação de um comentário feito pelo jornalista em uma rede social. Além de xingar o jornalista, Weder disse que iria “colocá-lo para correr” e “pegá-lo onde estivesse”.

**2 de junho** – O apresentador do programa Brasil Urgente da TV Tarobá de Londrina (PR), **Cid Ribeiro**, foi ameaçado de morte. O pai do jornalista recebeu, em casa, um bilhete com ameaças de morte à família e dois projéteis de bala de uso restrito da polícia. O bilhete era assinado pela organização criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC).

**21 de julho** – O repórter do jornal A Folha do Acre **Assem Neto** foi ameaçado de prisão pelo delegado Roberth Alencar, após divulgar entrevista na qual Alencar admite haver ingerência política na investigação sobre irregularidades na venda de casas populares em Rio Branco (AC). Além das agressões verbais, em telefonema gravado, o repórter foi aconselhado a “ir embora do Acre”.

**19 de setembro** – **José Santana**, editor-chefe do jornal Folha do Estado, de Itapema (SC), recebeu mensagens ameaçadoras por telefone. Nelas, uma voz dizia que a sede do jornal e o carro do jornalista poderiam ser incendiados. Um homem próximo ao prédio onde está localizado o veículo também ameaçou Santana. “Você vai saber quanto custa publicar o nome dos outros na capa do jornal”, afirmou o desconhecido.

**29 de setembro** – O diretor da Central Gazeta de Notícias, **Guilherme Formighieri**, foi ameaçado após publicação de reportagens sobre a apreensão de material de campanha política em Cascavel (PR). Por meio de mensagem de áudio enviada à direção da empresa, o coordenador regional do Governo do Paraná em Cascavel, Severino José Folador, ofendeu, xingou e ainda ameaçou o jornalista de morte.

**25 de outubro** – O repórter **Alerson Schneider** e o cinegrafista **Marley Rocha**, da TV Record de Vitória (ES), foram intimidados por um grupo de 25 pessoas durante a cobertura de um confronto entre traficantes e policiais no bairro de Itararé. Um dos agressores ameaçava constantemente o repórter com uma faca enquanto outros tentavam agredir o cinegrafista com socos. Os moradores também atiraram a chave da moto link da TV no mato. O protesto foi gerado pela morte de um adolescente durante o confronto no bairro.

**28 de novembro** – A repórter **Pollyana Moda** e o cinegrafista **Tom Mazin**, ambos da TV TEM, afiliada da TV Globo, foram ameaçados por um empresário de Penápolis (SP). Enquanto a equipe de reportagem registrava imagens de um motel onde ocorreu um assassinato, o empresário, que se apresentou como dono do estabelecimento, ameaçou a repórter e empurrou a câmera e o cinegrafista, tentando impedir a continuidade das gravações. O homem disse que, se o vídeo fosse veiculado, ele iria buscar “cada um na sua casa”.

**1º de dezembro** – O jornalista **Wesley Silas Barbosa da Cruz**, do site Atitude Portal de Notícias, de Gurupi (TO), sofreu ameaças do policial civil e presidente da Câmara de Vereadores, Wendel Antônio Gomides (PDT). As ameaças foram feitas depois da publicação de matérias e artigos criticando a atuação dos vereadores da cidade. Wendel estava entre eles. O jornalista denunciou as ameaças ao Ministério Público Estadual, ao Fórum de Gurupi e pediu proteção especial.

**12 de dezembro** – A juíza de Mato Grosso Selma Rosane Santos Arruda ameaçou de prisão os **jornalistas** presentes ao depoimento do empresário Giovani Guizardi, ouvido em processo que apura fraudes em licitações de escolas do estado. Os profissionais haviam publicado fotos da audiência nos sites de notícias quando a juíza deu 30 segundos para que os jornalistas tirassem as imagens do ar. Segundo a juíza, se a ordem fosse descumprida, os profissionais seriam presos. As fotos foram apagadas.



## INTIMIDAÇÕES

**11 de janeiro** – O jornalista **Edvaldo Alves**, da Rádio Sucesso FM, de Teixeira de Freitas (BA), foi intimidado pelo delegado Marcus Vinicius de Almeida Costa após cobrar ações de combate aos constantes crimes que acontecem na cidade. Em ofício enviado a Alves, o delegado solicita cópias do programa apresentado pelo jornalista e pede que uma das edições, ainda inédita, não fosse ao ar.

**17 de janeiro** - Um **cinigrafista** da SporTV foi intimidado por torcedores por mostrar imagens do confronto entre uma torcida organizada do São Paulo, seguranças e membros da Guarda Municipal de Mogi das Cruzes (SP). A confusão aconteceu no intervalo e no segundo tempo do jogo entre o Tricolor e o União Rondonópolis-MT, no estádio Nogueirão.

**21 de janeiro** – **Anna Virginia Balloussier** e **Rodolfo Viana**, jornalistas da Folha de S.Paulo, foram revistados por policiais em frente à sede do jornal. Com um celular, eles faziam imagens de um grupo que fugia da PM durante dispersão de manifestantes em São Paulo (SP). Mesmo depois de se identificarem como jornalistas, eles tiveram que se ajoelhar, com as mãos na cabeça. A PM creditou a revista a “atitudes suspeitas”.

**29 de janeiro** – O jornalista **Edvaldo Alves**, apresentador da Rádio Sucesso FM, de Teixeira de Freitas (BA), foi intimidado pela Polícia Civil por defender que crimes como homicídios, assaltos e roubos de veículos sejam investigados e os criminosos, presos. A emissora recebeu dois ofícios da Polícia Civil pedindo acesso a gravações do programa de Alves, incluindo alguns que ainda nem foram ao ar.

**15 de fevereiro** – O vereador Jaime José da Silva (PTB) intimidou a **equipe de reportagem** da Folha da Região que cobria a sessão da Câmara de Araçatuba (SP). Silva, que presidiu o legislativo, demonstrou contrariedade com fotos de seu rosto publicadas no jornal e com reportagem sobre parecer do Tribunal

de Contas do Estado de São Paulo que rejeitou suas contas em 2013. O vereador entrou na sala de imprensa da Casa e exigiu que as fotos fossem feitas em situações que não o deixassem com “cara de palhaço”. Em seguida, dirigiu-se ao repórter Ronaldo Ruiz afirmando que dados da reportagem estavam errados. Ruiz disse que o texto foi baseado em parecer do então presidente do TCE.

**4 de março** – **Duas equipes** da GloboNews foram hostilizadas por manifestantes enquanto cobriam a 24ª etapa da Operação Lava Jato. A primeira equipe aguardava o fim do depoimento do ex-presidente Lula, no Aeroporto de Congonhas, em São Paulo (SP), quando integrantes de movimentos sociais fizeram coro contra a presença de jornalistas da emissora. Pouco depois, uma outra equipe que estava perto da sede do PT, também na capital paulista, foi intimidada por militantes que pediam que os profissionais deixassem o local. A repórter **Bruna Vieira**, da TV Globo, também foi hostilizada durante a cobertura jornalística.

**4 de março** – Aos gritos, manifestantes interromperam a entrevista que o ex-ministro Gilberto Carvalho dava aos jornalistas da GloboNews **Gabriel Prado** e **Nilson Modesto** na chegada ao diretório do PT, em São Paulo. Os manifestantes hostilizaram os repórteres, que não conseguiram terminar a entrevista.

**18 de março** – Durante as manifestações pró-governo Temer e a favor do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em São Paulo (SP), **duas equipes de reportagem** da GloboNews foram hostilizadas. Bananas foram atiradas contra o repórter Gabriel Prado.



**18 de março** – O repórter **Renato Rios Neto**, da Rádio Itatiaia, foi hostilizado enquanto fazia a cobertura dos atos pró-governo federal, na Praça da Estação, em Belo Horizonte (MG). Com gritos de “vai embora”, o repórter foi cercado por alguns manifestantes que pediam que ele se retirasse do protesto.

**18 de março** – **Aline Oliveira**, repórter da TV Verdes Mares, afiliada da Rede Globo, foi impedida por manifestantes de fazer uma entrada ao vivo durante protesto contra o impeachment da então presidente Dilma Rousseff, na Praça da Bandeira, em Fortaleza (CE).

**30 de março** – O repórter cinematográfico e fotográfico **Osllaim Britto** foi intimidado por policiais militares em frente ao Hospital São Luiz Gonzaga, em São Paulo (SP). Uma policial que estava na viatura da Polícia Militar avisou que, se Britto quisesse gravar imagens, teria de pedir uma autorização ao comando da PM. Com uma arma na mão, a policial então se dirigiu ao repórter, pedindo documentos. Disse ainda que ele seria processado caso sua imagem fosse divulgada.

**9 de maio** – **Patrícia Bringel**, repórter da TV Anhanguera, afiliada da Rede Globo em Goiânia (GO), foi hostilizada por manifestantes presentes à inauguração do terminal de passageiros do Aeroporto Santa Genoveva. A então presidente Dilma Rousseff estava no evento. Bringel foi intimidada durante participação ao vivo no telejornal da emissora.

**3 de agosto de 2016** – O repórter da TV Globo **Edson Viana** não conseguiu fazer uma entrada ao vivo durante a passagem da tocha olímpica pela cidade de Duque de Caxias (RJ). O jornalista foi interrompido por um grupo de professores que fazia uma manifestação contra a passagem da tocha pela cidade. Edson Viana foi alertado para encerrar a transmissão e entrar no veículo da emissora para se proteger.

**31 de agosto** – A repórter da Rádio Gaúcha **Maria Eduarda Fortuna** foi hostilizada por manifestantes contrários ao impeachment da então presidente Dilma Rousseff, em frente à sede do PMDB, em Porto Alegre (RS). A repórter fazia uma transmissão ao vivo sobre o protesto quando um grupo de pessoas se aproximou e, aos gritos de “golpista”, começou a ameaçá-la e xingá-la, prejudicando a cobertura jornalística.

**12 de setembro** – **Joana Cunha**, repórter da Folha de S.Paulo, foi intimidada por manifestantes durante a cobertura de um protesto contra o governo Temer, na avenida Paulista, em São Paulo. Um grupo de jovens mascarados correu atrás da jornalista depois de serem fotografados. Dizendo-se menores de idade – e por isso impedidos de aparecer em fotos –, eles ameaçaram a profissional.

**17 de novembro** – **Jornalistas** de diversos veículos de comunicação foram hostilizados por estudantes que participavam do movimento de ocupação do Campus de Goiabeiras da Universidade Federal do Espírito Santo, em Vitória (ES).

**7 de dezembro** – O jornalista **Francisco Costa**, do Portal Fala RN, recebeu mais uma notificação de abertura de ação judicial por reportagens contra políticos publicadas no veículo. Com isso, chega a onze o número de processos por crimes contra a honra movidos por autoridades públicas de São Gonçalo do Amarante (RN) contra ele e a colega **Josi Gonçalves**, que também trabalha no portal. Entre esses políticos está o prefeito Jaime Calado, autor de pelo menos seis ações. A maioria dos processos está relacionada à publicação de reportagens com denúncias sobre suspeitas de corrupção na cidade. Somados, os pedidos de indenização superam R\$ 200 mil. Os jornalistas afirmam que o assédio judicial é apenas uma das formas de pressão que ambos vêm sofrendo nos últimos anos. Eles se sentem ameaçados e temem por sua integridade física.



## ATAQUES/VANDALISMO

**17 de fevereiro** – Um **cinematista** da TV Globo teve a câmera rachada por um golpe de cassetete desferido por policial militar, durante confronto entre grupos de manifestantes favoráveis e contrários ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em frente ao Fórum da Barra Funda, em São Paulo (SP). Durante o tumulto, uma mulher foi atingida na cabeça por uma pedra e um homem ficou desacordado. Uma liminar suspendeu a audiência marcada para os depoimentos de Lula e de sua mulher, Marisa Letícia. Os dois seriam ouvidos sobre supostas irregularidades na transferência de um apartamento triplex no Guarujá.

**4 de março** – Em Brasília, um grupo protestou durante cerca de uma hora em frente à **sucursal da Rede Globo**. Os manifestantes gritavam palavras de ordem e culpavam a emissora pelo fato de o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva ter sido levado para depor na Polícia Federal, em São Paulo. A frente da sede foi pichada e a placa de identificação da emissora foi quebrada. Uma faixa com a logo do canal também foi queimada. Funcionários foram impedidos de entrar ou sair. A situação somente foi normalizada com a chegada da Polícia Militar.

**4 de março** – Um **carro de reportagem** da TV Globo foi recebido a pontapés na sede do PT, em São Paulo (SP), durante cobertura sobre o depoimento do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva à Polícia Federal, no Aeroporto de Congonhas.

**6 de março** – Cerca de 150 pessoas realizaram um protesto a favor do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva em frente à **sede da Rede Globo**, no Jardim Botânico, Zona Sul do Rio de Janeiro (RJ). Os participantes hostilizaram funcionários da emissora e chegaram a jogar ovos e pedras no edifício de propriedade da TV.

**7 de março** – Manifestantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) atacaram a **sede das Organizações Jaime Câmara**, em Goiânia (GO). Eles ocuparam

a recepção por mais de uma hora e ainda picharam a fachada do prédio. No local, funcionam a rádio, a TV e dois jornais da OJC. O grupo só deixou o edifício após a chegada da Polícia Militar.

**18 de março** - Participantes dos atos a favor do governo Dilma Rousseff em todo o país fizeram críticas e hostilizaram a **TV Globo** durante os protestos. Em Brasília, participantes chutaram e bateram em **um carro da emissora** estacionado em frente ao Museu Nacional. Em Vitória (ES), Aracaju (SE), Belém (PA), Natal (RN) e Campo Grande (MS), os manifestantes protestaram em frente às afiliadas da Rede Globo. Uma equipe da emissora **TV Verdes Mares** foi hostilizada em Fortaleza (CE).

**25 de abril** - A **sede da TV Centro América**, afiliada da Rede Globo em Cuiabá (MT), foi alvo de vandalismo praticado por manifestantes contrários ao impeachment da então presidente Dilma Rousseff. Durante a madrugada, as portas da emissora receberam jatos de tinta vermelha e palavras de ordem como “manipuladores” e “golpe é golpe” foram pichadas na calçada.

**24 de maio** – Manifestantes contrários ao governo do presidente Michel Temer jogaram pedras na **sede da RBS**, na Avenida Ipiranga, em Porto Alegre (RS). No local funcionam os jornais Zero Hora e Diário Gaúcho, a Rádio Gaúcha e as operações administrativa e comercial do grupo. A ação foi realizada no horário em que dezenas de profissionais trabalhavam.

**3 de junho** - A **sede da RBS** de Florianópolis (SC) foi alvo de pichações por parte de manifestantes que protestavam contra o afastamento da presidente Dilma Rousseff. Cerca de 200 pessoas fecharam a rodovia em frente ao prédio do Grupo RBS, onde fica a redação do jornal Diário Catarinense. Um funcionário foi atingido por tinta, mas não ficou ferido.

**10 de junho** - Em Palmas (TO), manifestantes contrários ao governo de Michel Temer atiraram ovos e um líquido ácido na sede da **TV Anhanguera**. Dois seguranças terceirizados e um funcionário da empresa foram atingidos. Já em Fortaleza (CE), um grupo que também fazia oposição ao governo interino entrou na recepção da **TV Verdes Mares** gritando palavras de ordem contra a emissora.

**2 de agosto** – O **carro de reportagem** de uma emissora de TV de Sorriso (MT) foi atingido por um tijolo atirado por moradores da cidade. A equipe fazia uma reportagem sobre uma tentativa de homicídio. Na hora do ataque, os profissionais da emissora estavam dentro do veículo, mas não foram feridos. O vidro traseiro do carro foi danificado.

**30 de agosto** – Durante protesto contra o presidente interino Michel Temer na capital paulista, manifestantes se deitaram no chão, em frente ao **jornal Folha de S. Paulo**, formando a palavra “golpe” com seus corpos. A entrada do edifício foi protegida com uma barreira. Os policiais usaram bombas de gás lacrimogênio e spray de pimenta para dispersar o ato.

**4 de setembro** – Um **carro de reportagem** do jornal O Estado de S. Paulo foi atingido por manifestantes durante a cobertura de protestos contra o governo do presidente Michel Temer no Rio de Janeiro (RJ).

**15 de setembro** – A **Rádio Transamérica** de São João Nepomuceno (MG) foi incendiada durante a madrugada e teve vários equipamentos queimados. O fogo se alastrou pelo prédio atingindo o transmissor principal e a torre da emissora. Em 2015, a emissora denunciou uma rádio pirata na cidade e, desde então, vinha sofrendo ameaças. Com o fechamento da rádio pirata no início de setembro de 2016, as ameaças se intensificaram.

**12 de novembro** – A **Rádio Municipal FM 92.5**, de Quedas do Iguaçu (PR), foi destruída por um incêndio durante a madrugada. Um homem foi visto saindo do local depois de as chamas se alastrarem.

**23 de novembro** - A **Rádio Jaguarí**, de Jaguarí (RS), sofreu atos de vandalismo durante a madrugada. Na ação criminosa, sete cabos da torre foram cortados, provocando a sua queda. As transmissões da emissora foram interrompidas na região por um período.

**29 de novembro** – Manifestantes contrários à PEC do Teto dos Gastos Públicos danificaram dois **carros de reportagem** durante protesto na Esplanada dos Ministérios, em Brasília. Um dos veículos, da TV Record, foi virado e jogado no espelho d'água em frente ao Congresso Nacional.



## OFENSAS

**25 de fevereiro** – A repórter **Ana Thaís Matos**, setorista do Palmeiras na Rádio Globo, virou alvo de ataques nas redes sociais (em especial no Twitter) depois que publicações antigas em que ela criticava o time foram resgatadas. As mensagens com xingamentos contra Ana Thaís surgiram depois que tuítes publicados por ela há cerca de cinco anos foram compartilhados entre os torcedores. Internautas apontaram o blogueiro Conrado Cacace, que já se envolveu em casos semelhantes, como autor dos primeiros posts hostis.

**4 de março** – Os jornalistas **Roberto Kovalick** e **Marco Antonio Gonçalves**, da TV Globo, foram xingados em frente à casa do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em São Bernardo (SP). A polícia precisou afastar os manifestantes.

**5 de março** – A repórter fotográfica do Diário do Grande ABC **Marina Brandão** foi agredida verbalmente por integrantes da torcida organizada do São Caetano durante uma briga entre dois grupos de torcedores, no Estádio Anacleto Campanella, em São Caetano (SP). Os torcedores exigiram que a fotógrafa apagasse as fotos. Diante da recusa, eles dirigiram ofensas machistas a Brandão.

**8 de março** – A diretora da sucursal de Brasília da revista IstoÉ, **Débora Bergamasco**, foi atacada pela internet com ofensas difamatórias sobre a credibilidade de seu trabalho e sua vida pessoal. O episódio aconteceu logo depois de ela ter publicado reportagem sobre a delação do senador cassado Delcídio do Amaral.

**29 de março** – O jornalista **Juca Kfour** foi surpreendido durante a madrugada por quatro homens que estacionaram um carro na esquina da rua onde ele mora em São Paulo e começaram a ofendê-lo com gritos de “Juca Kfour, maldito, fdp, petista”. O jornalista identificou o veículo e conversou com Moris Moa, filho dos donos. Moa prometeu entregar os nomes dos responsáveis pelo episódio.

**5 de abril** – **Carlos Anderson da Silva**, radialista e diretor-presidente da Rádio Liberdade, de Carmo do Cajuru (MG), foi agredido verbalmente com xingamentos e ofensas pela secretária de Obras da prefeitura da cidade, Adriany Cristina da Silva. A secretária invadiu a sede da emissora, dizendo ser perseguida pelo veículo devido à divulgação de reportagens relacionadas a seu trabalho.

**17 de abril** - Uma equipe da TV Globo foi hostilizada por um grupo contrário ao impeachment de Dilma Rousseff no Vale do Anhangabaú, em São Paulo (SP). A confusão começou quando a repórter **Sabina Simonato**, que usava um microfone sem a identificação, foi reconhecida. Em meio a gritos contra a TV, os manifestantes ofenderam a jornalista.

**6 de maio** – **Maíra Azevedo**, jornalista do A Tarde, foi alvo de comentários racistas em seu canal do YouTube. Ela foi atacada após publicação de vídeo em que comenta a discussão entre os deputados federais Jean Wyllys (PSOL) e Jair Bolsonaro (PSC) durante a votação do impeachment da então presidente Dilma Rousseff, na Câmara dos Deputados. Os criminosos usaram o espaço de comentários para atacar a profissional com mensagens ofensivas. Entre outros xingamentos, referiram-se a ela como “macacada”, “escrava do Bolsa Família” e “necroloide beijuda”. Além de racismo, Maíra foi alvo de machismo.

**15 de maio** – O repórter **Odilon Amaral** e o repórter cinematográfico **Henrique Stênio**, ambos da TV Globo Minas, foram agredidos verbalmente por pessoas contrárias ao governo interino de Michel Temer. Durante protesto na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte (MG), os manifestantes gritaram palavras de ordem e chamaram os profissionais da emissora de “fascistas” e “golpistas”.

**29 de maio** – **Equipes da Rede Globo e da GloboNews** foram hostilizadas por grupos que protestavam contra a cultura do estupro, na Esplanada dos Ministérios, em Brasília (DF). Os manifestantes xingaram os profissionais e se referiram à emissora como “golpista”. Um cinegrafista foi obrigado a deixar o local.

**2 de junho** – A jornalista **Helen Braun** foi xingada pelo jornalista Claudio Tognolli durante apresentação ao vivo do programa “Morning Show”, da Rádio Jovem Pan. Tognolli se referiu à colega de trabalho como “burra” enquanto debatiam sobre um ato contra a cultura do estupro em frente ao Comedians, casa de show do humorista Danilo Gentili.

**7 de junho** - A repórter **Samanta Vicentini**, do jornal Extra, foi vítima de ofensas enquanto mediava entrevista ao vivo pelo Facebook. Em várias ocasiões, um homem que se autointitulava “gordofóbico”, chamou a jornalista de “gorda”, “gorducha” e “leitoa”. Samanta chegou a se desculpar com os internautas pela falta de educação do usuário e deu continuidade ao bate-papo, enquanto recebia mensagens de apoio dos internautas.

**7 de junho** – **Repórteres** do jornal Agora foram agredidos verbalmente pelo vereador Paulo Roldão (PRB) após publicação de reportagem sobre os altos gastos da Câmara Municipal de Rio Grande (RS).

**15 de junho** – Os repórteres **Mônica Novaes**, da TV Record; **Rafaela Carvalho**, da CBN; **Jerônimo Júnior**, da Rádio 730; e **Diomício Gomes**, repórter fotográfico do jornal O Popular, foram agredidos verbalmente por estudantes durante cobertura de protesto contra um suposto caso de estupro dentro da Universidade Federal de Goiás.

**15 de junho** – A editora do Jornal da NET, **Sonia Ferreira**, foi agredida verbalmente por vereadores da Câmara Municipal de Embu das Artes (SP) depois que se recusou a retirar do site uma reportagem sobre o fechamento de uma maternidade da cidade. O hospital ia ser reformado.

**5 de setembro** – A repórter do jornal A Tribuna **Débora Pedroso** foi agredida verbalmente e intimidada por taxistas, na sede do Sindicato dos Taxistas de Santos (SP). Débora foi forçada a deixar o local e somente mais tarde pode finalizar seu trabalho.

**2 de outubro** – A jornalista **Andréia Sadi**, da GloboNews, foi hostilizada por militantes petistas no diretório municipal do PT, no centro de São Paulo. A repórter fazia uma entrada ao vivo quando foi xingada pelos partidários que se aglomeravam no local à espera do então prefeito Fernando Haddad. Por segurança, a repórter deixou o diretório.

**23 de outubro** – Em entrevista ao SBT, o senador Marcelo Crivella (PRB), então candidato à Prefeitura do Rio, chamou os **jornalistas de O Globo** de “vagabundos e patifes” e os **repórteres da revista Veja** de “patetas”. O ataque aconteceu quando Crivella foi questionado a respeito de denúncias publicadas pelo jornal sobre delação premiada que o comprometeria em um esquema de propina e sobre informação da revista de que ele havia sido fichado na polícia. O senador criticou a imprensa e acusou os dois veículos de comunicação de manipular a população para prejudicá-lo.

**26 de outubro** – A jornalista **Helen Braun**, do programa Morning Show, da Jovem Pan, foi ofendida pelo Twitter ao se posicionar contra a isenção de impostos para igrejas. Ela foi xingada de “p...” e “vagabunda”. Ela respondeu ao vivo aos xingamentos, afirmando que “um país laico como o Brasil não deve conceder benefícios a igrejas”. Minutos depois, os posts foram apagados. Os autores das ofensas foram identificados como Jaque Santos e Marcio Santos.

**11 de novembro** – Um **jornalista** de O Popular foi chamado de “analfabeto” pelo vice-governador e secretário de Segurança Pública de Goiás, José Éliton, durante entrevista coletiva sobre a operação Sexto Mandamento da Polícia Federal. Ao citar reportagem divulgada pelo veículo, José Éliton disse que o responsável pelo texto era “analfabeto” por ter escrito “detenção coercitiva” em vez de “condução coercitiva”.

**16 de novembro** – **Livia Oliveira**, repórter da TV Tarobá, em Londrina (PR), foi agredida verbalmente por estudantes enquanto fazia uma entrada ao vivo sobre o movimento de ocupação da Universidade Estadual de Londrina. Os alunos ainda tentaram interromper a transmissão.

**15 de dezembro** – **Jorge Bastos Moreno**, colunista do jornal O Globo, foi ofendido pelos jornalistas Francisco Nogueira e Pedro Zambarda de Araújo, do Diário do Centro do Mundo (DCM). Durante uma discussão política, Moreno foi chamado de “sicofanta”, “gordo” e “figura folclórica”. O DCM depois se desculpou publicamente.



## ASSÉDIO SEXUAL

**3 de junho** – A jornalista do Portal IG **Giulia Pereira** foi assediada sexualmente pelo cantor de funk MC Biel. Durante uma entrevista, o cantor se dirigiu à jornalista como “gostosinha” e disse que a “quebraria no meio” caso tivessem relações sexuais. O assédio foi gravado.



## ROUBOS/FURTOS

**9 de fevereiro** – A jornalista **Juliana Barbassa** e o fotógrafo **Bear Guerra**, das Revistas Americas Quarterly e US News & World Report, tiveram o material de trabalho roubado em Rondônia. Os dois, que estavam no Brasil havia oito dias, produziam uma reportagem sobre violência no campo. O roubo aconteceu depois de o governo estadual ordenar que a Polícia Militar não cooperasse com a apuração que Barbassa e Guerra faziam sobre disputas entre fazendeiros e sem-terra em Ariquemes.

**13 de julho** – **Larissa Fernandes**, repórter da TV Paraíba, afiliada da TV Globo em Campina Grande (PB), foi assaltada em uma parada de ônibus em frente ao campus da Universidade Federal da cidade. No momento do crime, ela fazia uma reportagem sobre insegurança na região da instituição. Acompanhada do cinegrafista Aídes Brasil e do assistente Henrique Epifanio, Fernandes usava o celular quando um homem retirou o aparelho de suas mãos.

**10 de setembro** – A **Rádio 103 FM** de Aracaju (SE) foi assaltada. Uma locutora que apresentava um programa no momento do crime pediu socorro ao vivo, fazendo apelos aos ouvintes e à polícia. Os assaltantes perceberam que o microfone estava aberto e quebraram o equipamento. Foram levados celulares e notebooks da emissora.

**19 de outubro** – O **locutor** da emissora Terra FM, de Araguaína (TO), foi assaltado enquanto apresentava um programa ao vivo. Os bandidos invadiram o estúdio e roubaram os celulares do jornalista e de um outro funcionário da emissora.



## CENSURA

**10 de janeiro** – Uma **equipe de reportagem** do jornal Notícias do Dia foi expulsa de uma Unidade de Pronto Atendimento em Florianópolis (SC), ao tentar conversar com turistas que passaram mal depois de um banho de mar em Canasvieiras. Uma médica plantonista não permitiu as entrevistas e a equipe foi obrigada a sair do local acompanhada por um segurança.

**29 de fevereiro** – **Daniel Silva**, repórter do jornal Notícias do Dia, de Florianópolis (SC), foi impedido de cobrir os treinos do Figueirense Futebol Clube. A determinação da diretoria do clube veio depois da publicação de uma reportagem que revelava que parte dos direitos sobre a venda do jogador Clayton pertencia à SM2, empresa de dois filhos do presidente do clube, Wilfredo Brillinger.

**20 de março** – Uma **equipe de reportagem** da TV Cultura foi obrigada a se retirar do campo onde faria a transmissão ao vivo do jogo entre Paysandu e Parauapebas, em Parauapebas, no Pará. A ordem foi dada pelo Corpo de Bombeiros, que chegou ao estádio depois que os jornalistas já estavam instalados na marquise sobre a cabine. O local sempre foi usado para transmissões das partidas.

**27 de junho** – **Assessores parlamentares e de imprensa** da Câmara Municipal de Belém (PA) foram proibidos de registrar em foto ou vídeo os debates e discussões de vereadores para quem não prestam serviço. A determinação foi do presidente da Câmara, Orlando Reis.

**25 de julho** – A repórter **Karen Marchetti**, do jornal ABCD Maior, de Diadema (SP), foi expulsa de uma coletiva de imprensa pelo deputado estadual e então pré-candidato à Prefeitura de São Bernardo do Campo (SP), Orlando Morando (PSDB). A entrevista com os jornalistas ocorreu depois de uma convenção partidária. Por não concordar com a linha editorial do jornal, Morando disse que falaria à imprensa quando a repórter se retirasse do local.

**2 de agosto** – O repórter fotográfico **Marcus Mesquita**, do site MidiaNews, foi obrigado a apagar as imagens feitas durante o velório de um policial assassinado. A ordem partiu de policiais militares que participavam da cerimônia.

**6 de setembro** – O repórter fotográfico **Marcus Leoni**, do jornal Folha de S.Paulo, foi ameaçado depois de fotografar um manifestante que vestia uma camiseta com os dizeres “Quero votar para presidente” durante a abertura da 32ª Bienal de São Paulo, no Ibirapuera. Depois de ouvir em que veículo a foto seria publicada, o manifestante exigiu que Leoni apagasse as imagens.

**27 de setembro** – Um grupo de 30 homens recolheu suplementos do **jornal Extra** e exemplares do **jornal O Fluminense**, em Niterói (RJ), após a publicação de denúncias do Ministério Público Federal contra Eduardo Gordo, ex-presidente da Câmara Municipal de São Gonçalo e candidato a vereador no município. Gordo foi acusado de participação em fraudes que teriam desviado R\$ 35 milhões do Sistema Único de Saúde (SUS).

**12 de outubro** – Os repórteres **Daniel Arroyo**, da Ponte Jornalismo, **Marta Raquel**, do coletivo Jornalistas Livres, e o freelancer **Rogério de Santis** foram obrigados por policiais a apagar fotos e vídeos feitos durante protesto de estudantes secundaristas contra a PEC 241. A manifestação aconteceu na Diretoria Regional de Ensino Oeste, no bairro do Sumaré, em São Paulo (SP).

**3 de novembro** – O blogueiro **Luiz Valério** foi impedido de entrar na Assembleia Legislativa de Roraima para cobrir uma sessão ordinária. Policiais da Guarda Legislativa disseram ter recebido uma “recomendação” do presidente da Casa – o deputado Jalser Renier (SD) – para barrar o jornalista. Deputados presentes à sessão criticaram a atitude dos policiais.



**10 de novembro** – O jornalista **Samarone Lima**, do Coletivo Marco Zero Conteúdo, foi expulso da Central de Flagrantes da Polícia Militar de Recife (PE) durante entrevista com estudantes sobre a tentativa de ocupação da Escola de Referência Dom Sebastião Leme. Ao se identificar como repórter, Samarone foi impedido de continuar o trabalho.

**14 de novembro** – Estudantes que ocupavam o campus da Universidade Federal do Pará obrigaram um **repórter cinematográfico** da TV Record a apagar as imagens feitas no local. Em seguida, eles ainda expulsaram a equipe de reportagem da emissora.



## DECISÕES JUDICIAIS

**24 de fevereiro** – O juiz Marcus Caminhas Fasciani, da 2ª Vara Cível da Comarca de Patos de Minas (MG), proibiu a divulgação da imagem de um acusado de estupro em reportagem do programa “Espaço Feminino”, da **NTV (Fundação Educativa e Cultural Alto Paranaíba)**. O programa falaria sobre o crime e contaria com a participação de um promotor de justiça, do delegado regional da Polícia Civil, de uma psicóloga forense e de uma vítima. O acusado pediu que a Justiça impedisse a exibição. No horário do programa, a emissora levou ao ar apenas uma mensagem ao público: “Atendendo a determinação judicial expedida pelo juiz de direito Marcus Caminhas Fascini, está suspensa a apresentação de hoje do Programa Espaço Feminino”.

**25 de fevereiro** – O Tribunal de Justiça do Ceará (TJ-CE) negou o pedido de habeas corpus a Francisco Pereira da Silva, acusado de pagar pelo assassinato do radialista **Gleydson Carvalho**. O jornalista foi morto a tiros quando apresentava um programa na Rádio Liberdade FM, em agosto de 2015. Silva, apontado como um dos financiadores do crime, foi denunciado por homicídio triplamente qualificado e organização criminosa armada. Ao pedir a liberdade, a defesa argumentou falta de fundamentação na decretação da prisão. O relator do processo, desembargador Mário Parente Teófilo Neto, destacou que a prisão de Silva “está devidamente fundamentada” na garantia da ordem pública. “As circunstâncias do fato comprovam a especial gravidade do delito atribuído ao paciente [acusado] e seus comparsas, revelando sua periculosidade ao meio social”. Segundo o Ministério Público do Ceará, o crime foi motivado por críticas políticas que o radialista fazia em seu programa. O órgão denunciou sete pessoas por envolvimento no planejamento e morte do profissional.

**14 de abril** – A Justiça do Maranhão voltou a condenar Marcos Bruno de Oliveira, acusado de participação no assassinato do jornalista **Décio Sá**, a 18 anos e três meses de prisão. Oliveira foi apontado como o motociclista que deu fuga a Jhonathan de Sousa Silva, assassino confesso do jornalista. Sá foi executado com seis tiros em abril de 2012, em São Luíz (MA). A defesa do acusado sustentava que Oliveira era inocente e que a prova que levou à sua condenação era “frágil”. O réu já havia sido condenado em fevereiro de 2014, mas recorreu da decisão e teve o julgamento anulado pelo Tribunal de Justiça do Maranhão. O TJ determinou então a realização de um novo júri popular. Décio foi morto depois de denunciar, em seu blog, um esquema de agiotagem que teria a participação de prefeitos e ex-prefeitos maranhenses. Silva cumpre pena de 25 anos e três meses de prisão. Quatro anos depois do crime, dos 11 indiciados, apenas Oliveira e Silva foram condenados. Outros suspeitos ainda aguardam julgamento.

**2 de maio** – Por ordem da Justiça, dez reportagens sobre a Operação Lava-Jato e a Polícia Federal do Paraná publicadas no blog do jornalista **Marcelo Auler** foram tiradas do ar. Os textos, publicados entre novembro de 2015 e abril de 2016, tratavam de supostos vazamentos de informações por parte de delegados e procuradores, e a existência de grampos em celas e dependências ocupadas por presos. As ações foram movidas pelos delegados Erika Mialik Marena e Mauricio Moscardi Grillo, da Superintendência Regional do Departamento de Polícia Federal no Paraná. As decisões foram proferidas pelos juízes Nei Roberto de Barros Guimarães, do 8º Juizado Especial Cível, e Vanessa Bassani, do 12º Juizado Especial Cível, ambos de Curitiba (PR).

**21 de junho** – O Ministério Público de São Paulo denunciou quatro investigados pelo crime de racismo contra a jornalista **Maria Júlia Coutinho**, da TV Globo. Érico Monteiro dos Santos, Rogério Wagner Castor Sales, Kaique Batista e Luis Carlos Félix Araújo também são acusados de falsidade ideológica, injúria, corrupção de menores na internet e associação criminosa. A jornalista foi alvo de comentários racistas em julho de 2015, na página oficial do Jornal Nacional, no Facebook.

**30 de junho** – A Justiça de Alagoas proibiu o blogueiro **Odilon Rios** de se manifestar publicamente sobre o processo em que foi obrigado a indenizar autoridades policiais em R\$ 5 mil. Em artigo publicado na imprensa local, Rios externou a revolta diante da afirmação da polícia de que seu enteado teria sido assassinado por ser usuário de drogas.

**1º de julho** – A ministra Rosa Weber, do Supremo Tribunal Federal (STF), deferiu liminar do jornal **Gazeta do Povo** pedindo a suspensão de 42 ações contra o veículo e **cinco de seus profissionais**. As ações foram propostas depois que o jornal publicou uma série de reportagens em que informava a remuneração de juízes e promotores do Paraná. Magistrados e promotores ingressaram então com dezenas de ações individuais por danos morais. Os processos foram iniciados em juizados especiais de várias cidades. Para que as ações não corressem à revelia, os jornalistas tiveram de comparecer às audiências e chegaram a ficar até quatro dias da semana sem poder trabalhar. A ministra ainda determinou que eventuais novos processos serão automaticamente suspensos. O STF agora deve decidir se as ações serão julgadas pela Justiça do Paraná ou pelo próprio STF. Mas Rosa Weber já afirmou que os magistrados são parte interessada nos processos e que, por isso, não podem analisar o caso.

**17 de agosto** – O juiz Olavo Zampol Júnior, de São Paulo, afirmou que o repórter fotográfico **Sérgio Andrade**, ferido pela polícia durante uma manifestação em 2013, foi o culpado pela agressão que sofreu. O fotógrafo, que perdeu a visão de um olho ao ser atingido por uma bala de borracha disparada por um policial, havia entrado com um pedido de indenização contra o Estado de São Paulo. O juiz declarou que o incidente ocorreu “por culpa exclusiva do autor, ao se colocar na linha de confronto entre a polícia e os manifestantes”. Segundo Zampol, o profissional “voluntária e conscientemente assumiu o risco de ser alvejado por alguns dos grupos em confronto”. Andrade pedia indenização por danos moral, estético e material, uma pensão mensal e ajuda financeira para custeios médicos. Ainda cabe recurso da decisão

**27 de setembro** – O Superior Tribunal de Justiça (STJ) decidiu que os dois acusados de acender e atirar o rojão que matou o cinegrafista Santiago Andrade, em 2014, devem responder por homicídio qualificado e com dolo eventual, quando se assume o risco de matar. Com a decisão, a dupla deve ir a júri popular pelo crime, em data a ser definida. Caio Souza e Fábio Raposo estão soltos desde 2015 porque a Justiça do Rio de Janeiro entendeu que eles não tiveram a intenção de matar – a decisão do STJ contraria esse entendimento. O cinegrafista foi atingido por um rojão enquanto cobria uma manifestação na Central do Brasil, no Rio de Janeiro.

**2 de outubro** – O juiz eleitoral Niwton Carpes da Silva, do Rio Grande do Sul, proibiu que **jornalistas** acompanhassem a votação da ex-presidente Dilma Rousseff, na escola Santos Dumont, em Porto Alegre (RS). A determinação causou tumulto. Depois de muita discussão, os jornalistas foram autorizados a entrar na escola, mas não puderam registrar o voto da ex-presidente. Dilma criticou a decisão do juiz. “É lamentável”, disse a petista.

**7 de outubro** – A juíza Pollyanna Kelly Alves, da 12ª Vara Federal de Brasília, determinou a quebra de sigilo telefônico do colunista **Murilo Ramos**, da revista Época. Com a decisão, a Justiça pretendia descobrir o autor do vazamento do relatório do Coaf (Conselho de Controle de Atividades Financeiras) com a lista de brasileiros suspeitos de ter contas secretas na filial suíça do HSBC, no escândalo conhecido como Swissleaks. A investigação do Coaf e o teor do documento foram revelados pela revista em 2015. Murilo Ramos participou da apuração.

**27 de outubro** – A Justiça Eleitoral do Paraná considerou censura prévia as representações protocoladas por partidos políticos contra a **Rede Jovem Pan de Maringá** (PR) e **seus profissionais** por entrevistas veiculadas na programação normal da emissora. A coligação pedia a proibição das conversas entre políticos e jornalistas. Em duas decisões, a Justiça Eleitoral considerou que a restrição à divulgação de fatos ou difusão de opinião constitui censura prévia à liberdade de informação e de expressão. As decisões judiciais reconhecem o interesse coletivo ao avaliar que a Jovem Pan Maringá estava apenas exercendo seu direito à liberdade de imprensa, informando a população sobre os fatos ocorridos na cidade.

**31 de outubro** - O repórter **Aguirre Talento**, da revista IstoÉ, foi condenado por difamação pela 15ª Vara Criminal de Salvador (BA) a seis meses e seis dias de detenção. A pena foi convertida em prestação de serviços comunitários, além do pagamento de multa de R\$ 293. A queixa foi movida por diretores da Patrimonial Saraíba, após a publicação de reportagem sobre denúncia do Ministério Público Federal da Bahia contra a companhia em 2010. A empresa era acusada de irregularidades na construção do pólo tecnológico Tecnovia. No texto, o repórter informou erroneamente que os promotores haviam pedido a prisão dos diretores da Patrimonial Saraíba. O magistrado entendeu

que o advogado de Talento tentava protelar o julgamento e nomeou outro defensor para apresentar as alegações finais. Cinco dias depois, proferiu a sentença condenatória.

**10 de novembro** – O juiz Alexandre Paixão Ipolito, da Comarca de Itaperuna (RJ), aceitou o pedido do ativista Eduardo Banks contra a **Folha de S. Paulo**, para que o jornal apague notícias sobre ele. Banks pediu que o veículo deletasse um parágrafo que informava que sua associação propôs, em 2010, uma alteração da Lei Áurea, de 1888, para indenizar quem foi economicamente afetado com a libertação dos escravos.

**15 de novembro** – O juiz José Coutinho Tomaz Filho, da 10ª Vara Cível da Comarca de Fortaleza (CE), proibiu o jornal **O Povo** de mencionar o nome de um magistrado envolvido em investigações sobre supostas vendas de liminares em plantões judiciais do Tribunal de Justiça do Estado do Ceará (TJ-CE). A decisão inclui a supressão de todas as matérias já publicadas com o nome do juiz e da operação policial, a aplicação do sigilo de Justiça e a fixação de multa diária em caso de descumprimento.

**2 de dezembro** – O juiz Rubens Pedreiro Lopes, do Departamento de Inquéritos Policiais de São Paulo, revogou autorização para a quebra do sigilo telefônico da jornalista **Andreza Matais**, do Estado de S. Paulo. Lopes havia determinado a quebra do sigilo no dia 30 de novembro, com o objetivo de descobrir quem era a fonte que revelou à jornalista dados sobre uma investigação envolvendo o ex-vice-presidente do Banco do Brasil, Allan Simões Toledo. Na reportagem, ele foi citado por uma movimentação atípica em sua conta, no valor de R\$ 1 milhão. A operação foi identificada pelo Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf). A jornalista, que na época trabalhava no jornal Folha de S. Paulo, afirmou que não iria se manifestar para preservar o sigilo da fonte.

**7 de dezembro** – A juíza substituta Luzia do Socorro Silva Santos, da 7ª Vara Civil e Empresarial de Belém (PA), determinou que o colunista do jornal O Liberal, **Ronaldo Brasiliense**, só cite o nome do empresário Helder Barbalho em casos de sentença transitada em julgado. O descumprimento da sentença poderá gerar multa de R\$ 10 mil por veículo ou divulgação. A juíza ordenou ainda que o jornalista faça a moderação de seus perfis em redes sociais, excluindo comentários ofensivos de terceiros ao empresário.

**14 de dezembro** – O colunista **Celso Nascimento**, do jornal Gazeta do Povo, foi condenado a 9 meses e 10 dias de prisão por denunciar o atraso no parecer do conselheiro Ivan Bonilha sobre o edital para construção do metrô em Curitiba (PR). Bonilha é o relator do processo no Tribunal de Contas do Estado. Na reportagem, Nascimento apontou um possível vínculo entre o conselheiro e o governador do Paraná, Beto Richa. Pelo fato de Nascimento ter mais de 70 anos, o juiz Plínio Augusto Penteado de Carvalho, da 13ª Vara Criminal de Curitiba, substituiu a pena pelo pagamento de multa de 10 salários mínimos, e suspendeu os direitos políticos do jornalista.



## DETENÇÕES

**9 de fevereiro** – **Clóvis Miranda**, fotógrafo do jornal A Crítica, foi algemado e detido por agentes do Detran do Amazonas, em Manaus. A violência ocorreu quando Miranda registrava a abordagem dos agentes a motoristas que haviam estacionado irregularmente durante uma festa de rua. O vídeo mostra que, apesar da discussão acalorada, a detenção tinha o objetivo de impedir que o repórter filmasse a ação dos funcionários.

**23 de fevereiro** – O repórter **Chico Filho**, do programa Bom Dia Meio Norte, da Rede Meio Norte, foi detido após discussão com advogados de um homem acusado de assalto. Ao registrar o momento em que o suposto criminoso era retirado de um hospital no centro de Teresina (PI), o repórter perguntou se ele gostaria de se defender. Um dos advogados tentou então pegar a câmera do jornalista. O outro advogado ainda tentou agredi-lo. Levado para a Central de Flagrantes, Chico Filho só foi liberado depois de conversar com o delegado, que sugeriu que as imagens fossem apagadas.

**8 de março** – O repórter fotográfico **Alex de Jesus** e a repórter **Débora Costa**, do Jornal O Tempo, foram detidos ao checar uma denúncia sobre limitação de exames em uma unidade de saúde de Nova Lima, região metropolitana de Belo Horizonte (MG). Enquanto conversavam com um paciente, os dois foram abordados pelo guarda municipal José Carlos Silva, que exigiu que as imagens fossem apagadas. Jesus se recusou a cumprir a ordem, afirmando que não havia feito fotos de Silva. Depois de conversar com o guarda municipal, um PM realizou a condução sob a alegação de descumprimento da ordem e desacato. O mesmo policial afirmou que não iria ouvir o fotógrafo porque seu trabalho era apenas conduzi-los à delegacia.

Costa e Jesus foram então detidos por dois PMs e dois guardas municipais. A delegada Silvânia Silva entendeu que não houve crime e liberou os profissionais.

**6 de junho** – O radialista **Sandoval Siqueira**, repórter do programa “Tolerância Zero”, da TV Atalaia, afiliada da Rede Record, foi preso ao ultrapassar a fita que isolava o local onde ocorreu um assassinato em Aracaju (SE). Ele fazia imagens do crime quando um policial militar o empurrou de forma bruta e pediu que ficasse atrás da fita. Depois de uma discussão entre os dois, o PM prendeu o radialista. Siqueira foi liberado um dia após o ocorrido.

**16 de junho** – O repórter **Matheus Chaparini**, do jornal Já, foi detido enquanto cobria a desocupação da Secretaria da Fazenda de Porto Alegre (RS). O jornalista filmava a ação da Polícia Militar, que retirava os manifestantes do prédio usando spray de pimenta, quando foi abordado pelos policiais. Chaparini foi preso mesmo depois de se identificar.

**20 de junho** – **Verônica Pimenta**, repórter da Rádio Inconfidência e diretora do Sindicato dos Jornalistas de Minas Gerais, foi presa pela Polícia Militar em Belo Horizonte. A jornalista cobria a retirada de moradores de área ocupada no bairro Copacabana, em Venda Nova, quando foi informada pelos policiais que não poderia ficar no local. Verônica respondeu que não sabia que a área era restrita e que sairia assim que terminasse as gravações. A jornalista foi então detida por desobediência. Os policiais desligaram seu microfone e a levaram para a delegacia. Verônica foi liberada após prestar depoimento.

**30 de junho** – Uma equipe da RIC TV Record foi presa durante reportagem sobre uma falsa ameaça de bomba na Praça Rui Barbosa, no Centro de Curitiba (PR). O repórter **Lúcio André** e o cinegrafista **Nilson Machado** foram levados pela Polícia Militar sob a alegação de desacato. A PM afirmou que os jornalistas invadiram o cordão de isolamento feito no local e que “ameaçaram” os policiais. Imagens feitas pelo cinegrafista mostram que, no momento da prisão, o cordão de isolamento ainda não havia sido delimitado. André e Machado permaneceram no batalhão por aproximadamente duas horas e depois foram liberados. O equipamento da emissora foi recolhido pelos policiais.

# Casos Olimpíadas 2016



## ROUBOS/FURTOS

**26 de julho** – Um **jornalista japonês** que veio ao Brasil para a cobertura das Olimpíadas foi vítima de um furto no setor de desembarque do Aeroporto Internacional Tom Jobim, no Rio de Janeiro (RJ). De acordo com informações da delegacia do Galeão, dois homens trocaram a mochila do profissional por uma outra vazia.

**30 de julho** – **Harry John Robertson Reekie**, jornalista da rede de TV americana CNN, teve sua mochila furtada dentro de um hotel na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro (RJ). Ele veio ao Brasil para a cobertura das Olimpíadas. Imagens do circuito de câmeras de segurança do hotel mostram dois homens e uma mulher trocando a mochila do jornalista no momento do check in. Ao perceber o furto, Reekie deixou o hotel.

**5 de agosto** – **Dois jornalistas filipinos** que vieram ao Brasil para a cobertura das Olimpíadas registraram queixa de furto na 42ª DP, no Rio de Janeiro (RJ). Segundo os profissionais, os crimes teriam acontecido no alojamento BV1. Um dos jornalistas disse que US\$ 300 desapareceram de sua carteira. O outro afirmou que US\$ 500 foram levados.

**7 de agosto** – O jornalista australiano **Brett Costello** teve o equipamento de trabalho roubado em um bar de Ipanema, na Zona Sul do Rio de Janeiro (RJ). Costello carregava câmeras de filmagem e lentes de uso profissional para a cobertura das Olimpíadas. Três estrangeiros suspeitos do crime foram presos.

**16 de agosto** – A fotógrafa **Adriana Spaca** foi vítima de um furto dentro do aeroporto de Congonhas, em São Paulo (SP). A profissional voltava de Salvador (BA), onde fez imagens da partida de futebol masculino entre Brasil e Dinamarca. Sentada em uma cafeteria do aeroporto, ela não percebeu quando a bolsa em que estavam um laptop e um tablet foi levada. No equipamento roubado havia mais de 10 mil fotos, resultado do trabalho dos últimos dias.





## TENTATIVA DE ROUBO/FURTO

**26 de julho** – Uma equipe da TV australiana Channel Nine que veio ao Brasil para cobrir as Olimpíadas sofreu uma tentativa de assalto no calçadão de Copacabana, no Rio de Janeiro (RJ). Durante a ação, o **repórter cinematográfico** foi atingido na cabeça por uma bolsa. A repórter **Christine Ahern** relatou que um grupo de travestis tentou levar o equipamento. O crime só não se concretizou porque um segurança da equipe impediu o roubo.



## INTIMIDAÇÃO

**17 de agosto** – **Três jornalistas quenianos** do canal Citizen, que vieram ao Brasil para cobrir as Olimpíadas, foram abordados de forma agressiva pela Polícia Militar. Eles retornavam do Engenhão para o hotel em que estavam hospedados quando o táxi foi parado por uma viatura. De acordo com o repórter Mashiga Mwara, mesmo depois de terem exibido as credenciais das Olimpíadas, todos foram revistados por um policial que apontava uma pistola para o grupo. “Ele foi muito agressivo. Achamos que era por conta da nossa cor de pele”, disse Mwara. No veículo, também estavam o ex-atleta Haile Gebrselassie, que trabalha como comentarista na emissora, e o radialista Philip Muchiri.

## **Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão – ABERT**

### **DIRETORIA-EXECUTIVA**

**Presidente**  
Paulo Tonet Camargo

**Vice-Presidente**  
Marise Westphal Hartke

**Diretor Geral**  
Luis Roberto Antonik

### **ASSOCIAÇÕES ESTADUAIS**

**ALERT – AL**  
Associação Alagoana das Emissoras de Rádio, Televisão e Jornais Diários

**AMERT – AM**  
Associação Amazonense de Emissoras de Rádio e Televisão

**ABART - BA**  
Associação Baiana de Empresas de Rádio e Televisão

**ACERT – CE**  
Associação Cearense de Emissoras de Rádio e Televisão

**AVEC – DF**  
Associação dos Veículos de Comunicação do Distrito Federal

**SERTES – ES**  
Sindicato das Emissoras de Rádio e Televisão do Espírito Santo

**AGOERT – GO**  
Associação Goiana das Emissoras de Rádio e Televisão

**AMART – MA**  
Associação Maranhense de Rádio e Televisão

**AMIRT – MG**  
Associação Mineira de Rádio e Televisão

**AERMS – MS**  
Associação de Emissoras de Radiodifusão do Mato Grosso do Sul

**AMAERT – MT**  
Associação Mato-Grossense das Emissoras de Rádio e Televisão

**APERT – PA**  
Associação Paraense de Emissoras de Rádio e Televisão

**ASSERP – PB**  
Associação das Emissoras de Radiodifusão da Paraíba

**ASSERPE – PE**  
Associação das Empresas de Radiodifusão de Pernambuco

**AERP – PR**  
Associação das Emissoras de Radiodifusão do Paraná

**AERJ – RJ**  
Associação das Emissoras de Rádio e Televisão do Estado do Rio de Janeiro

**AGERT – RS**  
Associação Gaúcha das Emissoras de Rádio e Televisão

**ACAERT – SC**  
Associação Catarinense de Emissoras de Rádio e Televisão

**SINERTEJ – SE**  
Sindicato das Empresas de Rádio, Televisão, Jornais e Revistas do Estado de Sergipe

**AESP – SP**  
Associação de Emissoras de Rádio e Televisão do Estado de São Paulo

**AERTO – TO**  
Associação das Emissoras de Rádio e Televisão do Estado do Tocantins

**APOERT – RN**  
Associação Potiguar de Emissoras de Rádio e Televisão

## CONSELHO SUPERIOR – 2015/2018

### CÂMARA DE RÁDIO:

Acácio Luiz Costa  
Alfredo Raymundo Filho  
Marcelo Soares  
Emanuel Soares Carneiro  
José Inácio Gennari Pizani  
Luiz Guilherme Albuquerque  
Marcelo Carvalho  
Marise Westphal Hartke  
Orlando José Zovico  
Paulo Machado de Carvalho Neto  
Vicente Jorge Rodrigues  
Walter Vieira Ceneviva

Francisco Paes de Barros  
Lúcia Garofalo  
Luiz Nicolaewsky  
Carlos Rubens Doné  
Rafael Pizani  
João Carlos Romanini  
Roberto Cervo  
Mayrinck Pinto de Aguiar Júnior  
Ricardo Zovico  
Paulo Fernandes  
Rodrigo Neves

### CÂMARA DE TELEVISÃO:

Antônio Carlos Magalhães Júnior  
Daniel Pimentel Slaviero  
Eduardo Carlos  
Jaime Câmara Júnior  
Jaime Machado da Ponte Filho  
João Monteiro de Barros Neto  
José Roberto Maluf  
Nelson Pacheco Sirotsky  
Otávio Gadret  
Paulo Tonet Camargo  
Roberto Franco  
Flávio Ferreira de Lara Resende

Raimundo Moreira  
Geraldo Teixeira da Costa Neto  
Fernando Eugênio  
Antônio Coutinho  
Ricardo Nibon  
Pe. Josafa Moraes  
Luis Fernando Taranto  
Fernando Di Gênio  
Carlos Amaral  
Eduardo Boschetti  
Beatriz Ivo  
Heloísa Helena de M. e Almeida Moreira





**Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão**

Ed. Via Esplanada • SAF/SUL • Qd. 02 • Bl. D • Sala 101 • Asa Sul • Brasília-DF • CEP: 70070-600

Fone: (61) 2104-4600

[www.abert.org.br](http://www.abert.org.br)